

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

Marjani Ziani Heineck

**“Você vê, mas não observa”: Como a criminologia do século XIX inspirou as histórias
de Sherlock Holmes, de Sir Arthur Conan Doyle**



PORTO ALEGRE

2016

Marjani Ziani Heineck

“Você vê, mas não observa.”: Como a criminologia do século XIX inspirou as histórias de Sherlock Holmes, de Sir Arthur Conan Doyle

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em História.

Orientadora: Prof.^a. Dra. Cláudia Mauch

PORTO ALEGRE

2016

Marjani Ziani Heineck

“Você vê, mas não observa.”: Como a criminologia do século XIX inspirou as histórias de Sherlock Holmes, de Sir Arthur Conan Doyle

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em História.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dra. Cláudia Mauch (Orientadora) – UFRGS

Prof.^a. Dra. Carla Brandalise – UFRGS

Prof. Dr. César Augusto Barcellos Guazzelli – UFRGS

PORTO ALEGRE

2016

Imagem da Capa: “For a long time he remained there”, 1892, Disponível em The Victorian Web <<http://www.victorianweb.org/victorian/art/illustration/pagets/78.html>> Acesso em 30 nov. 2016.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer à minha família por sempre me apoiar. Aos meus pais Renildo e Neiva, obrigado por sempre estarem ao meu lado. Principalmente, agradeço à minha mãe, pelo seu encorajamento, amor e compreensão contínuos nos meus melhores e piores momentos.

Agradeço à minha amiga Tayane, a melhor colega que tive a honra de conhecer no primeiro ano de faculdade, em 2012, obrigada por todos esses anos repletos de motivações, aventuras e expectativas. Agradeço também a outro amigo que a faculdade me deu, Bruno, obrigada pelas conversas sobre séries, filmes e grandes teorias. Mas principalmente, agradeço a ambos pelos planos para o futuro.

Gostaria também de agradecer a todos os meus amigos de longa data, Thayane, Aline e Matheus, que conheço muito antes da faculdade, obrigado pelas conversas triviais e pertinentes, pelas risadas e todos os momentos épicos ao longo dos anos.

Gostaria de expressar meu agradecimento à minha orientadora, professora Cláudia Mauch, pelos seus conselhos, críticas e sugestões que agora constituem e tornam esse trabalho um grande feito para mim.

RESUMO

Este texto se foca em adicionar outra camada de leitura nas aventuras de Sherlock Holmes, baseada na criminologia positivista e outras teorias anteriores sobre a etiologia do crime. O presente trabalho busca analisar as representações de crime e criminoso nos contos de Sherlock Holmes, escritos por Conan Doyle entre fins do século XIX e o começo do século XX. Para tanto, o primeiro capítulo mostra as influências de Conan Doyle recebeu ao longo da vida, o segundo capítulo fala sobre a relação da História e Literatura e as características do Romance Policial e o terceiro capítulo aborda o foco desse trabalho: as teorias da criminologia que aparecem nas histórias de Holmes. A partir dos estudos aqui realizados, foi possível concluir que as histórias protagonizadas por Holmes são produto da combinação entre as vivências de seu autor e do contexto da própria Era Vitoriana no que se relaciona à ciência e a valores morais e culturais; além disso, os contos de Doyle atuavam como uma ferramenta importante na divulgação científica e dos valores considerados correntes na época em que foram escritos.

Palavras-chave: História e literatura; Romance policial; Sherlock Holmes; Criminologia Positivista; Fisiognomonía.

ABSTRACT

This text focuses on adding another layer of reading in the adventures of Sherlock Holmes, based on positivist criminology and other previous theories on the etiology of crime. The present work search the analysis of representations of crime and criminal in the tales of Sherlock Holmes, written by Conan Doyle between ending of century XIX and the beginning of century XX. To do so, the first chapter shows Conan Doyle's lifelong influences, the second chapter discusses the relationship between History and Literature and the characteristics of the Police Novel and the third chapter addresses the focus of this work: theories of criminology that appear in Holmes's stories. From the studies carried out here, it was possible to conclude that Holmes' stories are a product of the combination between the experiences of his author and the context of the Victorian Era itself in relation to science and moral and cultural values; in addition, Doyle's short stories acted as an important tool in the scientific dissemination and values considered current at the time they were written.

Keywords: History and Literature; Police romance; Sherlock Holmes; Positivist Criminology; Physiognomy.

SUMÁRIO

“BOM E VELHO ÍNDICE”: INTRODUÇÃO	5
1. “PARA UMA GRANDE MENTE, NADA É PEQUENO”: ARTHUR CONAN DOYLE	Erro! Indicador não definido.7
2. “É UM ERRO CAPITAL FORMULAR TEORIAS ANTES DE CONTARMOS COM TODOS OS INDÍCIOS”	18
2. 1. História e literatura.....	18
2. 2. O romance policial	23
3. “CONHECE MEUS MÉTODOS”	29
3. 1. Sherlock Holmes e a técnica de investigação: A ciência em busca dos detalhes	29
3. 2. O criminoso do século XIX: Quando o corpo reflete a intenção	33
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
FONTE e BIBLIOGRAFIA	46

“BOM E VELHO ÍNDICE”: INTRODUÇÃO

Neste trabalho meu objetivo é analisar como teorias explicativas sobre o comportamento criminoso do século XIX, em parte expressas na criminologia nascente, estão representadas nas histórias de Sherlock Holmes escritas por Sir Arthur Conan Doyle. É conhecido que Holmes soluciona os casos se baseando na lógica e na ciência, observando os detalhes e aplicando teorias para provar seu ponto de vista. Muitos podem ler as histórias e pensar que a solução e suas justificativas foram inventadas por Conan Doyle.

Arthur Conan Doyle escreveu a primeira história protagonizada por Sherlock Holmes em 1887, um romance intitulado *Um estudo em vermelho*. No início, a história não chamou atenção do público, mas poucos anos depois se tornou um grande sucesso que gerou ao todo 60 histórias – quatro romances e 56 contos. Após ganhar apreço entre os leitores, Conan Doyle teve grande parte dos seus outros interesses eclipsados pela fama de Holmes, tentou matar o personagem, mas pela pressão popular e editorial o ressuscitou.

O primeiro capítulo, “Para uma grande mente, nada é pequeno”¹, se concentrará em Arthur Conan Doyle e suas experiências de vida, bem como de que maneiras elas influenciaram seu trabalho como escritor. Se faz fundamental conhecer as leituras que Conan Doyle fez, as pessoas que conheceu e os lugares que visitou durante sua trajetória, pois toda esta "carga" se manifesta, de uma forma ou de outra, nas histórias que Sherlock Holmes protagoniza.

Uma vez que a maioria das histórias de Sherlock Holmes que serão utilizadas nesse trabalho estão contextualizadas, principalmente, na Era Vitoriana no século XIX, teremos uma visão geral dessa época. Contudo, não serão excluídos os contos do século XX e, caso necessário, me referirei a eles. Pois é importante ter em mente que apesar da Era Vitoriana ter acabado com a morte da Rainha Vitória e a ascensão do Rei Eduardo VII em 1901, os costumes e valores da sociedade não se modificam drasticamente ou deixam de existir, ou seja o *ethos* vitoriano prevaleceu tanto na sociedade quanto na cultura.

O segundo capítulo, “É um erro capital formular teorias antes de contarmos com todos os indícios”², tem o objetivo de analisar os conceitos teóricos fundamentais para o embasamento deste trabalho. Nesta introdução, o tema não será abordado com profundidade; porém vale a pena salientar que a corrente historiográfica essencial para o prosseguimento deste trabalho será a da Nova História Cultural, que traz consigo uma ampla variedade de possibilidades teóricas,

¹ “To a great mind, nothing is little” Tradução minha. DOYLE, (Sir) Arthur Conan. *The Complete Sherlock Holmes*. New York: Barnes & Noble, 2009. p. 30.

² DOYLE, (Sir) Arthur Conan. *Sherlock Holmes - Obra Completa*. 2 ed. v. 1. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. p. 28.

como o uso da literatura como fonte histórica - o que é o caso nesse estudo. A literatura como fonte exige o uso de conceitos específicos como o de representação e (neste caso específico somente) o de romance policial, que neste texto serão devidamente abordados.

Holmes se tornou um grande arquétipo de detetive para a literatura, tanto que atualmente suas histórias, junto com as de C. Auguste Dupin – criado por Edgar Allan Poe – são consideradas romances policiais clássicos, as bases que abriram o caminho para o gênero e inspiraram diversas outras histórias. As técnicas e metodologias utilizadas por Holmes influenciaram tanto a literatura quando a realidade.

Devido às suas técnicas de investigação e seus conhecimentos científicos, Sherlock Holmes foi considerado por muitos como a personificação do movimento positivista durante a Era Vitoriana. Ao utilizar teorias científicas reais para solucionar os casos, Conan Doyle criou um detetive que deu aos vitorianos uma “prova” que a verdade e a justiça podiam ser alcançadas através da ciência e da lógica.

O terceiro capítulo, “Conhece meus métodos”³, contém as análises dos contos em si e está dividido em duas partes. A primeira trata da técnica de investigação utilizada por Sherlock Holmes e de questões como: quais as características dessa técnica, qual é a teoria por trás da prática, quais as bases científicas em que se estruturam, entre outros. A segunda parte visa entender as maneiras através das quais criminosos são representados nas histórias, preocupando-se em relacioná-las com o contexto da Era Vitoriana e as visões de crime e criminoso da época, fortemente marcadas pela influência da ciência.

Utilizei citações de Sherlock Holmes como “títulos”, pois acho que elas expressam o que aquele capítulo irá abordar. No título do trabalho escolhi “Você vê, mas não observa.”⁴, uma constatação curta, mas completamente envolvida com as técnicas de Holmes. Ele é capaz de observar os detalhes, enquanto outras pessoas apenas veem algo e não percebem suas peculiaridades. É exatamente o que esse trabalho tenta mostrar: como muitas pessoas veem/leem sobre teorias e criminologia do século XIX apresentadas dentro das aventuras de Holmes, mas não as observam.

³ DOYLE, (Sir) Arthur Conan. *Sherlock Holmes - Obra Completa*. 2 ed. v. 1. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. p. 151.

⁴ DOYLE, (Sir) Arthur Conan. *Sherlock Holmes - Obra Completa*. 2 ed. v. 1. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. p. 217.

1. “PARA UMA GRANDE MENTE, NADA É PEQUENO”: ARTHUR CONAN DOYLE

Sir Arthur Conan Doyle ganhou fama mundial após criar o detetive Sherlock Holmes, um personagem que permanece, atualmente, como um dos mais conhecidos da literatura britânica. Entretanto, Doyle não se restringiu ao papel de criador de Holmes. Foi também médico, desportista, defensor do patriotismo e do imperialismo britânico. Para além dos romances policiais, Doyle foi autor de romances históricos e sociais, ensaios políticos e várias cartas para a família, amigos, imprensa e figuras públicas. E, nos anos finais de sua carreira, Conan Doyle também se dedicou a pesquisar fenômenos sobrenaturais.⁵

Tinha horror a destruir documentos, principalmente os relacionados com casos passados, e apenas uma vez por ano, ou a cada dois anos, conseguia coragem para juntá-los e arrumá-los [...] E assim, mês após mês, os papéis se acumulavam, até que todos os cantos da sala ficavam cobertos de manuscritos, que não deviam ser queimados de modo algum, e só podiam ser guardados por ele mesmo.⁶

No trecho acima Dr. Watson fala sobre a mania acumulativa de Sherlock Holmes, mas poderia estar falando de seu criador, Arthur Conan Doyle. Foi seu vasto arquivo de cartas, manuscritos, anotações e outros documentos que possibilitaram ao autor Andrew Lycett escrever uma biografia de Conan Doyle, publicada originalmente em 2007. Depois de entrar em contato com herdeiros, Lycett conseguiu acesso a diversos documentos, principalmente cartas que Conan Doyle escreveu para sua mãe.⁷ O título da biografia não deixa dúvidas, em *The man who created Sherlock Holmes: the life and times of Sir Conan Doyle* Lycett consegue relacionar a jornada pessoal de Conan Doyle do estudante para médico, do mundialmente famoso autor para espiritualista ardente, com o contexto em que vivia. Além dessa obra, a autobiografia de Conan Doyle, publicada originalmente em 1924, *Memórias e Aventuras*, será essencial para analisarmos a sua trajetória

Nascido em 22 de maio de 1859, em Edimburgo, Arthur Ignatius Conan Doyle enfrentou algumas dificuldades familiares. Seu pai, Charles Altamont Doyle, era artista e logo após o casamento conseguiu aumentar sua produção de ilustrações trabalhando como quadrista em periódicos. Contudo, problemas na carreira de artista começaram a aparecer.

⁵ DINIEJKO, Andrzej. *Sir Arthur Conan Doyle. A Biographical Introduction*. Disponível em: <<http://www.victorianweb.org/authors/doyle/bio.html>> Acesso em 15 nov. 2016.

⁶ DOYLE, (Sir) Arthur Conan. *Sherlock Holmes - Obra Completa*. 2 ed. v. 2. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. p. 76-77.

⁷ LYCETT, Andrew. *The Man Who Created Sherlock Holmes: The Life and Times of Sir Arthur Conan Doyle*. New York: Free Press (Simon and Schuster), 2008. p. 471-472.

Com depressão e alcoolismo, Charles Doyle trocava suas obras por bebidas alcoólicas.⁸ Em 1881, ele é internado em uma casa de repouso especializada em alcoolismo, mas sua depressão piora, e mais tarde é transferido para um asilo onde continuou pintando. A mãe de Conan Doyle, Marry Foley, era uma irlandesa de origem aristocrática, responsável por manter a união familiar, cuidar da casa e dos filhos. Em 1863, Marry Foley fica devastada pela morte de sua filha de dois anos e decide se juntar ao *Philosophical Institution*, uma sociedade de literatura e debate. Foi nessa época que Marry Foley começa um interesse pela literatura, fazendo grande uso da biblioteca da instituição.⁹ Assim, foi a mãe de Conan Doyle, próxima à literatura contemporânea, a principal influenciadora no interesse dele pela história e pela literatura. Nos dez primeiros anos de vida, Conan Doyle lia frequentemente; aos cinco anos ele já havia escrito seu primeiro conto, sobre um tigre e um homem que se tornavam um só após se encontrarem.¹⁰

Quando fez sete anos, Conan Doyle entrou para a Academia de Newington, em Edimburgo. Em seguida, graças ao auxílio familiar, foi possível a ele estudar em boas escolas. Após Newington, foi enviado por um ano para Hodder e, em 1870, para a escola jesuíta *Stonyhurst College*, em Lancashire. Embora tivesse rapidamente se decepcionado com a religião devido a severa disciplina dos jesuítas, os anos passados nas escolas foram essenciais para a carreira de Conan Doyle, afinal, foi o momento em que começou a trabalhar próximo à literatura, como ele próprio assume em sua autobiografia: “Foi só na minha última etapa em *Stonyhurst* que percebi em mim a existência de uma veia literária que não compartilhava com os demais.”¹¹ E é exatamente em seu último período na instituição que ele edita um jornal escolar chamado *Wasp* que não ganhou popularidade. Depois, como integrante do *Stonyhurst Figaro*, publicou seus primeiros artigos e poemas.¹² Conan Doyle passou um ano em uma escola também jesuíta de nome Stella Matutina, em Feldkirch, na Áustria, com o objetivo de aprender alemão - o que não funcionou, pois seus colegas eram quase todos de origem inglesa. Contudo, foi nesta época que Conan Doyle descobriu os contos de Edgar Allan Poe, como *The Gold Bug* e *The Murder in the Rue Morgue*, sendo o segundo considerado a obra que apresenta de fato o

⁸ LYCETT, Andrew. *The Man Who Created Sherlock Holmes: The Life and Times of Sir Arthur Conan Doyle*. New York: Free Press (Simon and Schuster), 2008. p. 19.

⁹ Ibidem. p. 21.

¹⁰ DOYLE, (Sir) Arthur Conan. *Memórias e aventuras: autobiografia de Sir Arthur Conan Doyle*. São Paulo: Marco Zero, 1993. p. 12.

¹¹ Ibidem. p. 15.

¹² Ibidem. p. 39. Não existem exemplares de nenhuma das duas revistas, mas Conan Doyle enviou para sua mãe o sumário da edição de novembro de 1873, onde podemos encontrar um artigo e dois poemas escritos por ele. Disponível em: <https://www.arthur-conan-doyle.com/index.php?title=The_Stonyhurst_Figaro>. Acesso em 15 nov. 2016.

gênero do romance policial.¹³ Assim, é notório que as obras de Poe, mais tarde, exerceriam uma intensa influência nas futuras histórias policiais criadas por Conan Doyle.

Em 1876, Arthur Conan Doyle ingressou na Universidade de Edimburgo, na Escócia, a fim de estudar medicina. Foi durante o curso que conheceu o Dr. Joseph Bell (1837-1911). Bell, descendente de uma família de cirurgiões, trabalhava como professor e médico e era excelente em observar, deduzir e diagnosticar seus pacientes a partir da lógica.¹⁴

Conan Doyle teve a oportunidade de observar seu professor em diversas ocasiões, pois foi selecionado pelo próprio Bell para ser seu secretário de ala. Ele descreve Bell como sendo “[...] um homem excepcional, tanto no intelecto quanto no físico. Era magro, rijo, moreno, com um rosto comprido e nariz reto, penetrantes olhos cinzentos, ombros angulosos e um jeito desengonçado de caminhar”¹⁵. Tanto as características intelectuais quanto as físicas de Bell inspiraram o personagem Sherlock Holmes. Conan Doyle confessa que não se surpreende que “após ter observado um personagem desses” ele “tenha usado e ampliado seus métodos mais tarde, quando” ele criou “um *detetive científico*, que resolvia os casos devido a seu mérito próprio, e não à estupidez do criminoso”.¹⁶ Essas características vão ao encontro com a teoria – que será melhor explicada mais adiante – que Carlo Ginzburg desenvolve em seu texto *Sinais: Raízes de um paradigma indiciário* sobre a maneira como, durante o século XIX, surgiu um novo modelo epistemológico nas ciências humanas. Ginzburg sustenta que, embora este modelo não seja tão discutido ou analisado da forma que deveria, ele pode ser útil para solucionar várias questões e se desprender dos conflitos entre “racionalismo” e “irracionalismo”.¹⁷

Em 1880, Conan Doyle faz uma pausa no curso de medicina para viajar e trabalhar como médico de bordo no navio baleeiro “*Hope*” pelo Mar Ártico, durante seis meses. No ano seguinte, ele se dedicou aos exames finais da universidade e conseguiu ser aprovado nos exames de qualificação, que o permitiram enfim exercer oficialmente a profissão como “bacharel em medicina, mestre em cirurgia”.¹⁸ O primeiro emprego de Arthur Conan Doyle como médico surgiu logo depois de sua formatura, em 1881, como médico oficial no barco a vapor “*Mayumba*” - que fazia um trajeto entre Liverpool e a costa oeste da África.

¹³ FONTES, Joaquim Rubens. *O universo da ficção policial: um estudo sobre o gênero policial*. Rio de Janeiro: Edições Galo Branco, 2012. p. 14.

¹⁴ LYCETT, Andrew. *The Man Who Created Sherlock Holmes: The Life and Times of Sir Arthur Conan Doyle*. New York: Free Press (Simon and Schuster), 2008. p. 53.

¹⁵ DOYLE, (Sir) Arthur Conan. *Memórias e aventuras: autobiografia de Sir Arthur Conan Doyle*. São Paulo: Marco Zero, 1993. p. 22.

¹⁶ Ibidem. p. 23. Grifo meu.

¹⁷ GINZBURG, Carlo. *Sinais: Raízes de um paradigma indiciário*. In: *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p.14.

¹⁸ Ibidem. p.39.

Durante o tempo livre na viagem, Doyle conseguia manter o hábito da leitura, e um dos autores mais lidos por Doyle era Oliver Wendell Holmes, que além de autor também era médico e professor. Wendell Holmes exerceu uma grande influência sobre Conan Doyle, além de inspirar o sobrenome do futuro detetive, Sherlock Holmes. Na obra *Through the Magic Door*, publicada em 1907, Conan Doyle aborda os livros e seu potencial de encantamento e magia a partir de sua própria experiência como leitor. No ensaio, ele faz uma viagem pela sua própria biblioteca, retornando a cada livro lido e relembrando o impacto que tal leitura teve em sua vida.¹⁹ Em um momento do livro, ele menciona a série *The Autocrat, The Poet e The Professor at the Breakfast Table* – uma coleção de ensaios sobre diversos assuntos – e a elogia, dizendo que “é justamente esse fermento contínuo da ciência, especialmente da ciência médica, que desde os meus primeiros dias de estudante dado a esses livros uma atração tão forte para mim.”²⁰

Assim que retornou à Inglaterra, Conan Doyle mudou-se para Portsmouth Southsea, em 1882, a fim de abrir seu próprio consultório, mas também para dedicar mais tempo a escrever e criar histórias. Nessa época ele enviou para a *London Society* três contos, *Bones, The Gully of Bluemansdyke e My friend the Murderer*, também foi quando Conan Doyle escreveu seu primeiro romance – *The Narrative of John Smith*, que contava a história de um homem que, preso à cama por uma semana devido à gota, resolve escrever um livro contendo sua opinião sobre diversos assuntos, como medicina, literatura e religião, entre vários outros. Mas o autor não teve sucesso em publicar o livro. O manuscrito original foi considerado perdido, mas Andrew Lycett afirma que Doyle segregou a obra e fingiu que a perdeu para não se tornar um problema²¹; o romance acabou enfim sendo publicado no ano de 2011.

Buscando algo mais original, Conan Doyle procurou temas diferentes para se inspirar. Ele reconheceu no romance policial uma grande oportunidade. O público leitor parecia interessado pelo assunto porque, aparentemente, refletia a ocorrência de crimes reais. Ele já admirava os trabalhos de Edgar Allan Poe e seu personagem, o detetive Chevalier Auguste

¹⁹ DOYLE, (Sir) Arthur Conan. *Through the Magic Door*. Sem local: The Floating Press, 2012. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=Yu8k9YKKkywC&dq=Through+the+Magic+Door>>. Acesso em 15 nov. 2016.

²⁰ “It is just that continual leaven of science, especially of medical science, which has from my early student days given those books so strong an attraction for me.” Tradução minha. In: DOYLE, Arthur Conan. *Through the Magic Door*. Sem data. p. 60. Disponível em <<http://www.classic-literature.co.uk/scottish-authors/arthur-conan-doyle/through-the-magic-door/ebook-page-60.asp>> Acesso em 16 nov. 2016.

²¹ LYCETT, Andrew. *The Man Who Created Sherlock Holmes: The Life and Times of Sir Arthur Conan Doyle*. New York: Free Press (Simon and Schuster), 2008. p. 116.

Dupin. Pensou que as características peculiares de seu antigo professor Joseph Bell poderiam ser organizadas e utilizadas por um detetive.²²

Dessa forma, a ciência seria um caminho para a resolução de crimes. No seu tempo como universitário, Conan Doyle estudou sobre o potencial forense da ciência e, quando já era médico, a viu ser utilizada em tribunais.²⁴ Conan Doyle estava ciente das teorias da criminologia do final do século XIX. Andrew Lycett menciona diversos autores – por exemplo, Sir William Herschel e Henry Faulds sobre o estudo da identificação por impressão digital (na imagem ao lado Holmes observada com sua lupa uma impressão digital feita com sangue²⁵); Alphonse Bertillon, sobre a aparência de tipos criminosos; e Cesare Lombroso, que defendia que podia-se identificar criminosos observando as características físicas de uma pessoa – que fizeram parte das leituras de Doyle²⁶ e que, como veremos com mais detalhes no terceiro capítulo, fizeram parte da construção da personalidade e dos

conhecimentos de Sherlock Holmes. Apesar de utilizar seu conhecimento literário e científico para escrever um romance policial, Conan Doyle é responsável por introduzir na literatura o personagem detetive que age embasado na ciência e é o bastião da razão, da ciência e da educação, valores tipicamente vitorianos.

Figura 1 - “Look at that with your magnifying glass, Mr. Holmes”



Fonte: The Victorian Web²³

²² DOYLE, (Sir) Arthur Conan. *Memórias e aventuras: autobiografia de Sir Arthur Conan Doyle*. São Paulo: Marco Zero, 1993. p. 61.

²³ PAGET, Sidney. “Look at that with your magnifying glass, Mr. Holmes”, 1893, reprodução fotográfica de tinta ou aquarela sobre papel. Disponível em <<http://www.victorianweb.org/victorian/art/illustration/pagets/275.html>> Acesso em 30 nov 2016.

²⁴ LYCETT, Andrew. *The Man Who Created Sherlock Holmes: The Life and Times of Sir Arthur Conan Doyle*. New York: Free Press (Simon and Schuster), 2008. p. 119.

²⁵ No conto *A aventura do construtor de Norwood*, a impressão digital ajuda Holmes a concluir o caso, não por identificar o criminoso, mas sim pelo fato de que na primeira investigação que Holmes fez na casa a marca não estava lá, então Sherlock conclui que foi feita posteriormente e que tudo era um esquema para incriminar outra pessoa.

²⁶ LYCETT, op. cit, loc. cit.

Em 1886, Conan Doyle escreveria *Um estudo em vermelho*, seu primeiro romance protagonizado por Sherlock Holmes e o primeiro também a fazer um grande sucesso, publicado originalmente em 1887 no *Beeton's Christmas Annual*.²⁷ O romance *Um estudo em vermelho* se passa em 1881 e começa com o Dr. Watson de volta a Londres. Após ser ferido²⁸ no Afeganistão²⁹, ele precisa encontrar alguém que esteja disposto a dividir as despesas de uma casa. Através de Stamford, um conhecido do trabalho, Watson fica sabendo que outro homem está procurando o mesmo que ele. Watson e Holmes se conhecem e passam a dividir um aposento da Baker Street 221B. Antes do primeiro caso, Watson faz uma análise sobre seu colega de quarto e seus conhecimentos³⁰ e fica impressionado com a capacidade de observação dos detalhes que Holmes demonstra quando explica como sabia que Watson era médico do exército no Afeganistão.³¹

Neste romance, Sherlock entra no caso após receber um recado de um mensageiro da Scotland Yard sobre um recente assassinato. Holmes, Watson, Gregson e Lestrade estão observando a cena do crime; Holmes, a fim de analisar melhor, está usando uma lupa e uma fita métrica. É dito a Sherlock que o cadáver é de um homem denominado Enoch Drebber. Naquele quarto havia sido encontrado sangue, embora o corpo não estivesse ferido em nenhum lugar. A partir de documentos encontrados com a vítima, se descobre que ele estava em Londres acompanhado de seu assistente, Joseph Stangerson. Em uma das paredes do lugar, a palavra “RACHE” (o termo alemão para “vingança”) está escrita com sangue.

Segundo as deduções de Holmes, a vítima morreu envenenada e o culpado, supostamente, tem mais de um metro e oitenta de altura, unhas compridas na mão direita, pés

²⁷ DOYLE, op. cit. p. 62

²⁸ Na Batalha de Maiwand, Segunda Guerra Anglo-Afegã. DOYLE, (Sir) Arthur Conan. *Sherlock Holmes - Obra Completa*. 2 ed. v. 1. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. p. 10.

²⁹ Embora a Segunda Guerra Anglo-Afegã tenha ocorrido entre britânicos e afegãos, ela foi motivada principalmente pelo crescente aumento nas tensões entre russos e britânicos. Seu estopim foi a recusa do então emir Sher Ali Khan a receber uma missão diplomática britânica em setembro de 1878. Anteriormente, o emir havia se mostrado inclinado a apoiar o Império Russo em detrimento do Reino Unido. Adaptado de: <<http://www.britishempire.co.uk/forces/armycampaigns/indiancampaigns/campafghan1878.htm>> Acesso em 20 nov. 2016.

³⁰ “1. Literatura: zero. 2. Filosofia: zero. 3. Astronomia: zero. 4. Política: fracos. 5. Botânica: variáveis. Versado nos efeitos de beladona, ópio e venenos em geral. Nada sabe sobre jardinagem e horticultura. 6. Geologia: práticos, mas limitados. À primeira vista, sabe reconhecer solos diferentes. Quando chega de suas caminhadas, mostra-me manchas e respingos nas calças e, por sua cor e consistência, me diz em que parte de Londres as recebeu. 7. Química: profundos. 8. Anatomia: acurados, mas pouco sistemáticos. 9. Literatura sensacionalista: imensos. Ele parece conhecer todos os detalhes de cada horror perpetrado neste século. 10. Toca bem violino. 11. É perito em esgrima e boxe, além de hábil espadachim. 12. Tem um bom conhecimento prático das leis inglesas.” DOYLE, (Sir) Arthur Conan. *Sherlock Holmes - Obra Completa*. 2 ed. v. 1. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. p. 19-20

³¹ “Tudo parece muito simples, da maneira como você explica” disse Watson “[...] Nunca pensei que esse tipo de gente existisse na vida real.” Ibidem. p. 24.

pequenos e desproporcionais e tez rosada, além de usar botas de pontas quadradas, fumar um charuto Trichinopoly e ter chegado na cena do crime em uma carruagem cujo cavalo tinha três ferraduras velhas e uma nova. Se descobre que o cocheiro Jefferson Hope havia assassinado Drebbler (e posteriormente Stangerson) por vingança. Os dois mortos integravam uma seita religiosa e Drebbler havia se casado com a mulher por quem Hope era apaixonado, mas não podia se casar por pertencer a outra religião. Desgostosa por ter se casado à força, a mulher, chamada Lucy, morre, e Hope jura vingar-se.

Nas décadas seguintes, mais histórias de Sherlock Holmes foram publicadas, inicialmente na *Strand Magazine*. Em 1890, *O signo dos quatro*, em 1892 *As aventuras de Sherlock Holmes* e em 1894 *Memórias de Sherlock Holmes*. Nesse último livro se encontra o conto *O problema final*, onde Sherlock Holmes enfrenta seu maior rival, o professor James Moriarty, os dois acabam morrendo, caindo nas Cataratas Reichenbach. Conan Doyle estava feliz com a oportunidade de explorar novos temas,³² mas diz que ficou surpreso pela reação dos leitores: ele recebeu diversas cartas que repudiavam a decisão do autor de matar o personagem; os leitores da revista ficaram tão insatisfeitos que mais de 20 mil assinaturas foram canceladas e a revista só recuperou o seu público quando Holmes reapareceu.³³ A pressão para que Sherlock Holmes retornasse foi tanta, que Doyle tentou se livrar de escrever novas histórias sobre ele subindo o preço de seus contos, mas a *Strand Magazine* aceitou sua imposição³⁴, o que demonstra a aceitação do público da época pelas histórias. Em 1901, Doyle publicou o romance *O cão dos Baskervilles*, mas apenas cinco anos depois, em *A volta de Sherlock Holmes* é que Holmes foi ressuscitado.

A carreira de Conan Doyle foi bastante produtiva, deixando como legado vinte e um romances e mais de 150 contos, além de diversos ensaios, artigos, memórias, poesias e, por fim, milhares de cartas. Sobre Sherlock Holmes, foram escritos quatro romances e cinquenta e seis histórias entre 1887 e 1927. Conan Doyle faleceu em 7 de julho de 1930 de insuficiência cardíaca.

Arthur Conan Doyle foi um típico britânico da era vitoriana: intensamente patriota e apoiador do imperialismo. A visão política dele era fundamentada na ideia vitoriana de que o Império Britânico (entende-se: Inglaterra) era o centro do mundo, bem como na noção do

³² DOYLE, (Sir) Arthur Conan. *Memórias e aventuras: autobiografia de Sir Arthur Conan Doyle*. São Paulo: Marco Zero, 1993. p 81.

³³ *Discovering Sherlock Holmes – A Community Reading Project from Stanford University*. Disponível em: <http://sherlockholmes.stanford.edu/print_issue12.html>. Acesso em 20 nov. 2016.

³⁴ LYCETT, Andrew. *The Man Who Created Sherlock Holmes: The Life and Times of Sir Arthur Conan Doyle*. New York: Free Press (Simon and Schuster), 2008. p. 189-190.

compromisso com a lei e a ordem social. Conan Doyle presidiu a Liga de Império de Meninos - um grupo de caráter imperialista, composto por jovens rapazes, que visava expandir e exaltar ideais como o patriotismo, o cristianismo e a masculinidade. O autor também foi responsável pela criação de histórias patrióticas para os jornais *Union Jack* e *Boy's Own Paper*.³⁵ Conan Doyle também apoiava, pelo menos desde 1886, o unionismo – política Britânica em relação à Irlanda.³⁶

Quando falamos sobre Sherlock Holmes é preciso ter algo em mente: o personagem pertence ao mundo do romance policial vitoriano. Um gênero criado no século XIX e que abarca características do contexto da Era Vitoriana. No caso de Holmes, o que se destaca é a utilização das teorias científicas da época. Mas também precisamos entender o contexto socio-político geral, uma vez que ele afeta a vida de Conan Doyle.

A era vitoriana (1837-1901) foi um momento histórico bastante complexo, assim nomeado por ser o período em que a Rainha Vitória foi a monarca do Reino Unido.³⁷ Foi marcado pela *Pax Britannica*, um contexto de décadas relativamente pacíficas, e um desenvolvimento financeiro, cultural e artístico assombroso, que foi possível a partir dos lucros obtidos com a Revolução Industrial e com a expansão imperialista que conseguiu arrebatar diversas colônias. Este período favorável possibilitou mudanças sociais, como o surgimento de uma classe média burguesa e educada. Ao longo dos anos, o poder da burguesia se consolidou de tal forma a ponto de seus valores culturais e morais se tornarem a norma na sociedade.³⁸

Por ser um período de tempo tão extenso, a Era Vitoriana gestou algumas mudanças. No âmbito interno a política se aproximou de um reformismo acentuado, trazendo modificações como, por exemplo, ampliações no sufrágio das classes médias e trabalhadoras. Na ideologia, na política e na sociedade, os vitorianos criaram surpreendentes inovações e mudanças: foi

³⁵ *Sir Arthur Conan Doyle and Victorian Political History*. Disponível em: <<http://www.victorianweb.org/authors/doyle/politics.html>>. Acesso em 17 nov. 2016.

³⁶ Unionismo, na Irlanda, foi uma ideologia política que apoiava a continuação da união entre Irlanda e Grã-Bretanha, assegurada pelo Ato de União de 1800. Adaptado de: <<http://www.victorianweb.org/history/ireland1.html>>. Acesso em 20 nov. 2016.

³⁷ LANDOW, George P. *Victorian and Victorianism*. Disponível em: <<http://www.victorianweb.org/vn/victor4.html>> Acesso em 17 nov. 2016.

³⁸ AMAYO, Enrique. A Guerra do Paraguai em perspectiva histórica. *Estudos Avançados*. São Paulo, v. 9, n. 24, p. 255-268, Aug. 1995. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141995000200013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 17 nov. 2016.

quando surgiram, por exemplo, os princípios do movimento feminista³⁹, a sindicalização dos trabalhadores⁴⁰, o socialismo, o marxismo⁴¹ e outros movimentos modernos tomaram forma.

Em fins de século XIX o Império Britânico era o maior do mundo, possuindo centenas de colônias espalhadas pelo globo. Toda uma argumentação foi construída para justificar seu poderio, baseando-se especialmente na ideia de que o Império Britânico, por ser tão avançado em todos os aspectos, podia - e até mesmo devia - dominar outros povos, com o objetivo de lhes trazer a civilização e o progresso. Contudo, a disputa imperialista provocaria, no fim do século XIX e no começo do XX, conflitos sociais como a Guerra dos Bôeres e outras guerras.

Um das explicações para o sucesso das histórias de Holmes, para além da popularização do romance policial, pode ser o fato de Conan Doyle ancorar seus personagens em cenários e acontecimentos conhecidos do público inglês. Um caso já foi mencionado, o envolvimento de Dr. Watson com a Segunda Guerra Anglo-Afegã, mencionado no primeiro livro da série de 1887. E outro caso, está no livro *Os últimos casos de Sherlock Holmes*, publicado originalmente em 1917. O ano logo chama atenção por ser no contexto final da Primeira Guerra Mundial⁴², mas Conan Doyle decide deixar Sherlock fora da guerra pois “seu detetive se tornara velho demais para o serviço ativo.”⁴³ Mas no conto *Seu último caso*, situado

³⁹ Não se pode afirmar que, no século XIX, já existia o feminismo tal como conhecemos hoje, uma vez que o movimento feminista atual se desenvolveu com maior intensidade a partir da segunda metade do século XX. Na época incluída pelo recorte temporal realizado para este trabalho, a principal (e praticamente única) reivindicação parecia ser o sufrágio feminino - embora existisse o debate sobre o papel da mulher na sociedade e outras questões relacionadas. Adaptado de: <<http://www.victorianweb.org/history/wmhisttl.html>>. Acesso em 17 nov. 2016.

⁴⁰ A sindicalização dos operários foi permitida oficialmente na década de 1870 após um histórico de clandestinidade; desde fins do século XVIII, operários eram proibidos de se reunir em associações de ajuda mútua, embora o fizessem da mesma forma. Adaptado de: <<http://spartacus-educational.com/Lcombination25.htm>> Acesso em 17 nov. 2016.

⁴¹ O socialismo começa a se estruturar no século XVIII com base em críticas das consequências produzidas pela industrialização e da propriedade privada, sendo melhor desenvolvida por Karl Marx. Na era vitoriana, os principais autores socialistas eram Samuel Taylor Coleridge, Robert Southey, Percy Bysshe Shelley, William Cobbett, Thomas Carlyle, Benjamin Disraeli, and John Ruskin. Adaptado de: <<http://www.victorianweb.org/history/socialism/socialism.html>> Acesso em 17 nov. 2016.

⁴² No continente europeu, os motivos que levaram ao início da Primeira Guerra Mundial são diversos e complexos. Foi um momento onde várias potências se desenvolviam econômica e militarmente, como Reino Unido, Rússia, Austria-Hungria, Turquia e a Alemanha. Disputas por mercados e colônias haviam ocorrido durante décadas e as tensões cresceram até desembocar na guerra. O assassinato do arquiduque Ferdinand em 1914 foi o evento que colocou estas potências, que antes se mantinham em tensão constante, enfim em guerra. A Inglaterra entrou no conflito quando as forças da Alemanha invadiram a Bélgica no processo de chegar à França. As motivações britânicas foram diversas, começando pelo fato de que, mesmo sendo um império grande e poderoso, a Inglaterra tinha interesse nos acontecimentos na Europa. Adaptado de <<http://www.nationalarchives.gov.uk/education/greatwar/g2/backgroundcs1.htm>>. Acesso em 20 nov. 2016.

⁴³ “his detective has grown too old for active service.” Tradução minha. LYCETT, Andrew. *The Man Who Created Sherlock Holmes: The Life and Times of Sir Arthur Conan Doyle*. New York: Free Press (Simon and Schuster), 2008. p. 389.

em agosto de 1914, o detetive volta da aposentadoria para apanhar um grande espião alemão que estava prestes a fugir da Inglaterra com segredos do país.⁴⁴ A inclusão de acontecimentos contemporâneos cria um vínculo do leitor com a história narrada, o leitor se reconhece dentro da narrativa.

A era vitoriana foi marcada pelos paradoxos, pelos contrastes e pela busca do poder. Movimentos religiosos como o catolicismo do *Oxford Movement*, a *Broad Church* e o utilitarismo, além de movimentos políticos e científicos como o socialismo, o darwinismo, o agnosticismo e o racismo científicos, todos conviviam e possuíam considerável influência durante aquele contexto, algo que acentua e comprova a complexidade do período.⁴⁵

Além das histórias de Sherlock Holmes, outras obras merecem ser mencionadas. É o caso da sua série de obras de ficção científica, que narram as aventuras do professor Challenger: *The Lost World* (1912), *The Poison Belt* (1913), *The Land of Mist* (1926), *The Disintegration Machine* (1928), e *When the World Screamed* (1929). Suas visões de mundo imperialistas estão mais claramente presentes em *The Lost World*, o livro que apresenta o professor George Edward Challenger. Ele é responsável por uma expedição a balão, que acaba dando errado e cai em um platô no meio da floresta, na América do Sul. Neste lugar isolado da civilização, animais pré-históricos, dinossauros e uma raça de homens macaco convivem. As histórias de Challenger – um personagem elaborado com o objetivo de rivalizar com o intelecto de Holmes –, tem influência de Jules Verne e sua temática tem relações bastante profundas com o imperialismo e a ciência positivista daquela época, destacando elementos como a evolução, a teoria da degeneração e do atavismo. Aqui estão presentes mais uma vez as teorias de Lombroso. Marcos César Alvarez explica que o atavismo se baseia em sinais anatômicos para identificar “aqueles indivíduos que estariam hereditariamente destinados ao crime.”⁴⁶ Veremos isso também em Sherlock Holmes, quando ele fala sobre o comportamento e intenção do criminoso.

Em *The Lost World*, a descrição gloriosa das florestas sul-americanas divide espaço com a representação diminuída, ridicularizada e às vezes até grotesca dos não europeus – com exceção dos indígenas da América do Sul, que aparentemente são os únicos descritos de maneira não depreciativa –; assim, todos eram atacados ou mortos pelos europeus. É o que faz

⁴⁴ Ibidem. p. 389.

⁴⁵ LANDOW, George P. *Victorian and Victorianism*. Disponível em: <<http://www.victorianweb.org/vn/victor4.html>> Acesso em 17 nov. 2016.

⁴⁶ ALVAREZ, Marco Cezar. A Criminologia no Brasil ou Como Tratar Desigualmente os Desiguais. *DADOS – Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, Vol. 45, nº4, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52582002000400005&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em 20 nov 2016.

o personagem Roxon, que atira e mata homens-macaco e *mestiços* de europeus e índios sem demonstrar qualquer tipo de reserva moral.⁴⁷

Além de tudo, Conan Doyle também escreveu romances históricos - considerados pelo próprio autor como seus trabalhos mais importantes - que se passam principalmente durante a Guerra dos Cem Anos e a Era Napoleônica. Finalmente, se dedicou também à não-ficção; se debruçou sobre temas políticos, como a Guerra dos Bôeres e a Primeira Guerra, e sobre o espiritismo, especialmente nos últimos meses de sua vida.

⁴⁷ LANDOW, George P. *Racism and genocide in Sir Arthur Conan Doyle's The Lost World*. Disponível em: <<http://www.victorianweb.org/authors/doyle/southamerica2.html>> Acesso em 17 nov. 2016.

2. “É UM ERRO CAPITAL FORMULAR TEORIAS ANTES DE CONTARMOS COM TODOS OS INDÍCIOS”

2. 1. História e literatura

Antes de partirmos para a análise de como as teorias científicas sobre criminosos do século XIX (principalmente) foram utilizadas na narrativa das histórias de Sherlock Holmes, precisamos estabelecer primeiro a relação entre História e Literatura e quando estudos envolvendo as duas áreas, focando no uso da Literatura como fonte histórica, começaram a ter mais relevância.

A literatura pode estar envolvida com a história de duas formas. A primeira é utilizando algum período histórico como plano de fundo ou objeto da narrativa ficcional, a segunda, é o contexto histórico no qual o autor está inserido. Nas histórias de Sherlock Holmes podemos ver ambas as formas se manifestando, pois Conan Doyle, além de usar a Era Vitoriano como plano de fundo, utiliza diversas experiências pessoais como inspiração.

Deve-se levar em consideração que os estudos sobre História e Literatura estão dentro da História Cultural. O livro *História & História Cultural*⁴⁸ aborda as motivações para o surgimento da história cultural, num contexto de crise paradigmática e de contestação a outras correntes historiográficas, como o marxismo e os Annales. Também são analisadas as mais importantes inovações epistemológicas acarretadas com a História Cultural, especialmente no que se relaciona ao surgimento de conceitos importantes como representação, imaginário, sensibilidade, ficção e narrativa, bem como as possibilidades, relações com outras áreas do conhecimento e, também, alguns riscos embutidos no trabalho no âmbito da História Cultural.⁴⁹

Um dos principais expoentes da Nova História Cultural é Peter Burke que, na introdução de *A Escrita da História*, procura descobrir as origens desta prática historiográfica. Para o autor, a Nova História Cultural significou uma mudança importante na maneira de se escrever a história por reagir ao chamado “paradigma tradicional” ou – nas palavras de Burke – o “senso comum”: este último termo foi utilizado para afirmar que, por conta do paradigma tradicional ter sido frequentemente utilizado, este acabou se tornando percebido como a única forma

⁴⁸ O livro “História & História Cultural” de Sandra Jatahy Pesavento, faz um balanço da História Cultural como um todo, analisando desde o contexto de seu surgimento até seus principais debates, será a principal referência para trabalharmos sobre História Cultural, que abrange os estudos da Literatura e História.

⁴⁹ Livro: História & História Cultural (Resenha de livro). *História Mal-Dita - A história vista de diferentes formas!*. Disponível em: <<https://historiamaldita.wordpress.com/2009/07/04/historia-historia-cultural/>>. Acesso em 28 nov. 2016.

correta de se escrever a história.⁵⁰ Dessa forma, a Nova História Cultural traz uma série de críticas ao “paradigma tradicional”, estabelecendo novidades metodológicas a partir delas.

Para abordar as inovações trazidas pela “nova” história, Burke a compara com a “antiga” e salienta as novidades por ela trazidas. Dentre elas, as que seriam mais relevantes para este trabalho seriam: o deslocamento do foco da análise, que se afasta dos elementos políticos e se direciona para questões mais diversas (como a história da loucura, da infância, da feminilidade, etc.); a preocupação com a história “vista de baixo” em oposição à “história dos grandes homens”; e, por fim, o uso de fontes históricas que pertencem a outras categorias que não a de documentos escritos oficiais.⁵¹

Outra autora importante é Lynn Hunt, que por sua vez afirma que esta “contestação” do paradigma tradicional foi motivada por outros dois paradigmas também tradicionais: o marxismo e a Escola dos Annales. No marxismo, as mudanças começaram a surgir nas décadas de 1950 e 1960, com a publicação de obras que visavam estudar o cotidiano e a composição social das camadas “de baixo” – operários, mulheres, grupos étnicos etc. -; George Rudé e Edward Palmer Thompson são, talvez, os exemplos mais famosos. Quanto aos Annales, a escola originou-se da revista de 1929 – chamada *Annales d'histoire économique et sociale* e fundada por Lucien Febvre e Marc Bloch – e ganhou maior importância quando Fernand Braudel a dirigiu, nas décadas de 1950 e 1960.⁵²

Por trazer novos objetos e perspectivas de análise, a Nova História Cultural também criou novos questionamentos, que originaram conceitos fundamentais para o prosseguimento de pesquisas na área. Um destes conceitos é o de *representação*, que será trabalhado com base na obra *A História Cultural: entre práticas e representações*⁵³ de Roger Chartier. O livro é uma compilação de oito ensaios escritos entre 1982 e 1986, que visavam responder à insatisfação então existente em relação à história cultural francesa das duas décadas anteriores, momento em que o aparecimento de novas disciplinas obrigava a História a revisar seus objetivos e suas metodologias. No livro, Chartier pensa o ofício do historiador a partir das condições de produção possíveis dentro do campo da História e, também, da prática historiográfica em si, analisando conceitos e discursos que ajudam a construir esta prática.⁵⁴

⁵⁰ BURKE, Peter. (org.) *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. P. 10.

⁵¹ *Ibidem*. p. 13-14.

⁵² HUNT, Lynn. (org.) Apresentação. In: *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. P. 2-3.

⁵³ CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. São Paulo: Difel, 1990.

⁵⁴ SOUZA, V. M.. Resenha de "A história cultural - entre práticas e representações", de Roger Chartier. 2012 (Resenha de Livro). Disponível em: <<http://www.historiaemperspectiva.com.br/2012/09/resenha-do-livro-historia-cultural.html>>. Acesso em 28 nov. 2016

Duas principais bases estruturam a obra de Chartier. A primeira é um questionamento a respeito da noção da fonte como ferramenta que confirma a realidade: a fonte passa a ser vista como forma de *mediação*, e conseqüentemente a análise da realidade se dá a partir das representações, representações estas que podem assumir variados sentidos. A segunda base salienta que algumas práticas sociais, por possuírem uma lógica própria, não podem ser definidas como representações.⁵⁵

Para Sandra Pesavento, o objetivo da História Cultural é o de “decifrar a realidade do passado por meio das suas representações, tentando chegar àquelas formas, discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressaram a si próprios e o mundo”.⁵⁶ A Nova História Cultural recebe esta denominação porque possibilita novas formas de trabalhar com a cultura a partir da História. Tratam-se de várias maneiras de pensar a cultura, principalmente a que a define como uma construção humana, composta por vários significados compartilhados que servem como forma de explicar a realidade. Também podemos classificar a cultura como algo que expressa a realidade de maneira simbólica.⁵⁷

Conforme Pesavento, a visão dos autores que integram a Nova História Cultural não abandona a forma de analisar a História que se fazia antes. Ao contrário, esta perspectiva foi ampliada com o destaque dado aos significados que um indivíduo produz de sua realidade, os conferindo ao mundo ao seu redor e a si mesmo.⁵⁸ A História ganhou novos objetivos, como a busca por uma compreensão das formas que os indivíduos do passado viam e construíam a si próprios, por exemplo.

Com esta ampliação de perspectiva, a Nova História Cultural possibilitou também a utilização de novas fontes. O uso da literatura como uma destas fontes é exemplo disto, sendo que esta utilização gerou uma série de discussões relacionadas com as possíveis relações a serem estabelecidas entre História e literatura. Segundo Gilberto F. Sena Júnior, a principal questão em torno do uso da literatura como fonte para a História foi sua utilidade (ou não) como verdade histórica; dessa forma, é preciso pensar a literatura como um “objeto de seu tempo” e considerar que o contexto social, econômico, cultural e político da época em que foi composta teve influências em seu processo de produção. O próprio uso da “verdade histórica” deve ser encarado com bastante cuidado, especialmente quando se considera as múltiplas visões

⁵⁵ SOUZA, V. M.. Resenha de "A história cultural - entre práticas e representações", de Roger Chartier. 2012 (Resenha de Livro). Disponível em: <<http://www.historiaemperspectiva.com.br/2012/09/resenha-do-livro-historia-cultural.html>>. Acesso em 28 nov. 2016.

⁵⁶ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 42.

⁵⁷ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 15.

⁵⁸ *Ibidem*. p. 30.

construídas acerca de um fato - algo que ocorre em qualquer período histórico. Assim, na questão do uso da literatura pela História, seria melhor pensar em diversas perspectivas ao invés de se pensar em uma única “verdade histórica”.⁵⁹

Como fonte histórica, a literatura nos permite acessar pontos fundamentais para que seja possível entender a “verdade” sobre o que aconteceu (ou uma construção sobre ela); de forma semelhante, o depoimento histórico também traz junto de si significados e mensagens que apenas podem ser compreendidos em sua totalidade quando se faz uma contextualização adequada da época em que tal depoimento foi feito. A literatura pode ser pensada como uma fonte bastante especial por ser capaz de acrescentar elementos diversos no entendimento e estudo de um momento histórico, ainda mais quando se atenta à questão da representação social.⁶⁰

Porém, é preciso sempre ter em mente que as representações são historicamente construídas. Quando se utiliza a literatura como fonte de uma pesquisa, é preciso considerar que as construções de representações não são baseadas em imagens reais, tampouco em reflexos ou contrastes delas. Ao contrário, são representações que foram elaboradas historicamente e que têm o poder de estabelecer forças capazes de se relacionar e expor forças que constroem o imaginário. Assim o objetivo passa ser buscar que tal obra seja devidamente historicizada, a colocando como parte integrante e atuante da sociedade, que serve para construir suas próprias representações de suas aproximações com a realidade vigente.⁶¹

Por fim, é preciso ressaltar que existem diferenças entre História e Literatura, embora tais diferenças não impeçam o uso desta pela História. Uma delas é o caráter frequentemente ficcional da literatura: é praticamente a regra, por exemplo, que obras que se passam em um período histórico passado não tragam histórias cujos personagens existiram na realidade. Citando Sevcenko, Giovana Maria Carvalho Martins remarca que a literatura é, em primeiro lugar, objeto artístico, produzido com o propósito de agradar a seu público leitor; contudo, como já dissemos, a literatura é um construto de seu tempo e num certo sentido inspirado no contexto de vida de seu autor. Assim, embora uma obra ficcional não traga em suas páginas personagens reais de um momento histórico já ocorrido, pode servir como uma réplica imaginada deste

⁵⁹ JUNIOR, Gilberto F. S. *Realidade versus ficção: a literatura como fonte para a escrita da história*. p. 4. VI Simpósio Nacional: Estado e Poder - Cultura, outubro de 2010, Sergipe. Anais do VI Simpósio Nacional: Estado e Poder - Cultura. Rio de Janeiro: UFF, 2010. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/estadoepoder/6snepc/GT13/GT13-GILBERTO.pdf>>. Acesso em 17 nov 2016.

⁶⁰ Ibidem. p. 10.

⁶¹ Ibidem. p. 8-9.

momento por trazer situações nele correntes ou por conter personagens que, possivelmente, foram inspirados em pessoas que realmente existiram no passado.⁶²

Como nos próximos capítulos veremos como a ciência positivista e o criminoso são representados nas histórias de Sherlock Holmes, precisamos entender o conceito de representação. Para Chartier:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem a universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade a custo de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projecto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas.⁶³

A partir desta citação, extraímos que a representação se fundamenta em diversos interesses dos grupos que fazem parte da sociedade, e é a partir deles que se originam estratégias e prática variadas. A representação se refere às maneiras com que a realidade social é percebida e classificada pelos indivíduos que a compõem. A partir de então, a representação é a produtora de significados para os elementos que compõem o presente de uma sociedade.

Levando tudo isso em consideração, já que o surgimento de tais sentidos é influenciado fortemente pelas relações de poder correntes no momento de sua elaboração - bem como pelos interesses sociais comuns ou conflituosos numa determinada época -, toda esta construção de sentidos feita sobre uma realidade presente pode ser partilhada entre diversos grupos sociais. Da mesma forma, estes sentidos podem se alterar com o passar do tempo.

As representações encontram nos discursos dos indivíduos a sua forma principal de transmissão, mas estes discursos nem sempre são lidos da mesma maneira por todas as pessoas. Assim, é importante remarcar que a leitura destes discursos, e a criação de sentidos neles baseados, que se dão como resultado dessa leitura, seguem necessariamente a algumas condições, o que faz com que existam várias formas de utilizar os discursos correntes em um determinado contexto. Como salienta o autor:

Os textos não são depositados nos objectos, manuscritos ou impressos, que o suportam como em receptáculos, e não se inscrevem no leitor como o fariam em cera mole.

⁶² MARTINS, Giovana Maria Carvalho. *O uso de literatura como fonte histórica e a relação entre literatura e história*. VII Congresso Internacional de História – XXV Encuentro de Geohistoria Regional – XX Semana de História. 2015. p. 3892. Disponível em: <<http://www.cih.uem.br/anais/2015/trabalhos/1318.pdf>>. Acesso em 19 nov 2016.

⁶³ CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. São Paulo: Difel, 1990. p. 17.

Considerar a leitura como um acto concreto requer que qualquer processo de construção de sentido, logo de interpretação, seja encarado como estando situado no cruzamento entre, por um lado, leitores dotados de competências específicas, identificados pelas suas posições e disposições, caracterizados pela sua prática do ler, e, por outro lado, textos cujo significado se encontra sempre dependente dos dispositivos discursivos e formais — chamemos-lhes «tipográficos» no caso dos textos impressos — que são os seus.⁶⁴

Com base na citação e na frase “o real assume assim um novo sentido: aquilo que é real, efetivamente, não é”⁶⁵, é possível entender que Chartier aponta as novas possibilidades de sentido que o real pode assumir, mas ressaltando que esta diversidade não faz com que o real desapareça. Isto é importante para se entender a noção de representação, pois remarca a existência do real como algo condicionado à representação, pois esta o organiza e classifica. A partir desta particularidade do conceito de representação, Chartier desconstrói a ideia da história como algo marcado pela verdade. Pois, dessa forma, materiais como textos e imagens pertencentes a uma época, por exemplo, não são traduções fiéis da realidade em que foram compostos, mas sim trazem consigo as representações que seu autor (ou autores) haviam construído do momento que estavam vivendo.

2. 2. O romance policial

Muitos esforços foram feitos para tentar elucidar o surgimento do detetive na literatura do século XIX. Em geral, se estabeleciam ligações entre o sucesso desse tipo de história e uma “ânsia” tipicamente vitoriana em estabelecer a ordem social; isto é dito principalmente para explicar o sucesso de Sherlock Holmes, por exemplo. Isto é, de certa forma, um meio um tanto redutor de se enxergar os acontecimentos, mas faz sentido quando se considera que as mudanças da sociedade em fins do século XVIII deram origem a novas dúvidas sobre a natureza do crime.⁶⁶

A série de histórias de Sherlock Holmes são classificadas principalmente como romance policial, então se faz necessário uma explicação sobre esse gênero. Histórias com detetives e criminosos podem ser encontradas em diferentes épocas, mas como uma literatura característica e que possui elementos específicos é algo que foi criado no século XIX.

⁶⁴ CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. São Paulo: Difel, 1990. p. 25-26.

⁶⁵ *Ibidem*, p. 63.

⁶⁶ PITTARD, Christopher. *Victorian Detective Fiction: An Introduction*. Disponível em: <<http://www.crimeculture.com/Contents/VictorianCrime.html>>. Acesso em 19 nov. 2016.

O gênero foi menosprezado por muito tempo. Por ser intrinsecamente baseado em técnicas investigatórias e por precisar explicar todos os detalhes de solução de um caso, o aprofundamento da personalidade e psicologia de alguns personagens secundários foi muitas vezes deixado de lado. Por isso o romance policial foi, por muito tempo, visto como gênero menor da literatura, sendo considerado como uma leitura facilitada. Nem a popularidade entre os leitores mudou a classificação do gênero. Muitos autores que escreviam um romance policial o faziam por dinheiro e não por simpatia pelo gênero. Embora Sherlock Holmes seja o personagem mais famoso criado por Conan Doyle, este não tinha um apreço considerável por sua própria ficção policial. Na época em que publicou os contos de *Memórias de Sherlock Holmes*, entre 1892 e 1893, Conan Doyle já estava farto de escrever sobre Sherlock, ele não queria ser identificado apenas por um gênero literário, que na época ele pensava ser “o nível mais baixo da criação literária”.⁶⁷

Conforme Lins, “O romance policial, mais do que os outros, é um mundo particular e fechado, com os seus personagens, com os seus episódios, com as suas emoções, com os seus encantos, com as suas grandezas e misérias”⁶⁸. Apenas da década de 1970 é “que começaram a ser vencidas as barreiras contra a ficção policial, que passou a ser aceita como objeto de estudos a nível universitário.”⁶⁹

Na narrativa do romance policial é imprescindível a existência de um crime e de um personagem que busque solucioná-lo; porém, a simples presença destes elementos não transforma qualquer narrativa em policial. A alta capacidade analítica e criativa que Edgar Allan Poe possuía, bem como seu interesse por coisas extravagantes e misteriosas, encontrou nos crimes um material bastante frutífero.⁷⁰ Poe foi o precursor deste estilo narrativo, que surgiu pela primeira vez nos contos de Chevalier Auguste Dupin, *Os Assassinatos da Rua Morgue* (1841), *O Mistério de Marie Rogêt* (1842). *A Carta Roubada* (1844).⁷¹

A influência de Poe nas histórias de Sherlock Holmes é evidente. Uma das frases mais reconhecidas de Holmes, foi inspirada em Dupin. Após uma longa declaração sobre as improváveis opções de fuga do criminoso Dupin adverte: “Agora que fomos trazidos a esta conclusão de uma forma tão inequívoca, não é nosso papel, como homens de raciocínio, rejeitá-

⁶⁷ DOYLE, (Sir) Arthur Conan. *Sherlock Holmes - Obra Completa*. 2 ed. v. 2. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. p. 81

⁶⁸ LINS, Álvaro. *No mundo do romance policial*. São Paulo: Ministério da Educação e Saúde: Serviço de documentação, 1947. (Os Cadernos de Cultura), p. 11.

⁶⁹ FONTES, Joaquim Rubens. *O universo da ficção policial: um estudo sobre o gênero policial*. Rio de Janeiro: Edições Galo Branco, 2012. p. 18.

⁷⁰ LINS, op. cit., p. 16.

⁷¹ FONTES, op. cit. p. 31.

la em virtude de sua impossibilidade. O que nos resta é provar que estas “impossibilidades” aparentes, na realidade, são possíveis.”⁷² Nas palavras sucintas de Holmes, “[...] quando se exclui o impossível, o que resta, por mais improvável que seja, deve ser a verdade”⁷³

O contexto de criação da narrativa para o romance policial também é essencial, e foi grandemente influenciado pelas condições da época em que surgiu. Foi, principalmente, o momento que jornais e folhetins começaram a se popularizar, além de todo o contexto da Revolução Industrial e do desenvolvimento da burguesia. A revolução industrial fez com que as cidades crescessem exponencialmente: por exemplo, no ano de 1851 as áreas urbanas abrigavam mais de metade da população britânica. Também possibilitou que a economia valorizasse mais propriedades móveis (bens materiais) do que terras, e assim o roubo se tornou uma ameaça mais perigosa - ameaça essa que aumentou consideravelmente devido à urbanização e a consequente maior proximidade entre as residências e os indivíduos. Com o objetivo de responder a essas recém-surgidas ansiedades, o departamento de Polícia Metropolitana deu origem ao detetive policial.⁷⁴ De acordo com Fontes, a criação do romance policial pode representar as mudanças sociais e cultural de uma sociedade urbana e

atrelada à industrialização; à criação da polícia; à existência ascendente de criminoso; ao desenvolvimento de um público consumidor de jornais, em que os crimes eram divulgados; ao surgimento do folhetim como gênero; e às influências do Positivismo, claramente presentes nas análises lógicas então desenvolvidas.⁷⁵

De modo geral, o romance policial é um gênero que apresenta uma narrativa que é capaz de contar uma história verossímil, essa característica é importante, pois ajuda a interpretar as referências de Conan Doyle ao seu próprio tempo, bem como as possibilidades de identificação do leitor com os fatos, espaços, personagens e teorias apresentadas nas histórias. Desde sua criação, o romance policial ganhou diversos subgêneros como, por exemplo, a ficção policial de enigma – na qual se encaixa Sherlock Holmes –, *hard-boiled*, *noir* ou de violência, *thriller*, gótica, entre outras. Porém, de acordo com Fontes, em todos os subgêneros

[...] sobrevive a ideia de realismo, sem apelação a recursos sobrenaturais ou extraordinários, que o gênero sempre repudia, na permanente busca à verossimilhança e, assim, trabalha, prioritariamente com índices materiais, renegando os psicológicos,

⁷² POE, Edgar Allan. *Assassinatos na rua Morgue e outras histórias*. Porto Alegre: L&PM, 2015. p. 123.

⁷³ DOYLE, (Sir) Arthur Conan. *Sherlock Holmes - Obra Completa*. 2 ed. v. 1. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. p. 421.

⁷⁴ PITTARD, Christopher. *Victorian Detective Fiction: An Introduction*. Disponível em: <<http://www.crimeculture.com/Contents/VictorianCrime.html>>. Acesso em 20 nov. 2016.

⁷⁵ FONTES, Joaquim Rubens. *O universo da ficção policial: um estudo sobre o gênero policial*. Rio de Janeiro: Edições Galo Branco, 2012. p. 127.

os imaginários, os poéticos, tentando deixar de lado as instabilidades do coração, em prol do exercício racional. A ficção policial é assim um espelho da sociedade.⁷⁶

O autor marxista Ernest Mandel construiu seu interesse pelo romance policial a partir de um longo processo, no início do qual o próprio escritor era apenas um leitor casual. Porém, o grande público leitor do romance policial e o sucesso deste tipo de literatura se fez, aos olhos de Mandel, como um importante fenômeno social, e isso fez com que o autor se interessasse em estudar o assunto com maior ênfase. A justificativa de Mandel para que o estudo deste tema seja feito a partir de um viés marxista é a de que o materialismo histórico pode e deve analisar os múltiplos fenômenos sociais existentes.

Em sua obra *Delícias do crime: história social do romance policial*, publicado originalmente em 1984, Mandel mostra como o romance policial é uma literatura que segue uma estrutura determinada. Em relação com a forma literária, Mandel confirma que de fato existem características e elementos presentes na maioria das narrativas (e as histórias de Sherlock Holmes não fogem desse modelo).

O que caracteriza os clássicos do romance policial e os destaca dos seus precursores tanto quanto dos autores posteriores é o caráter extremamente convencional e formalizado das suas tramas. [...] Em todos esses romances são observadas algumas regras comuns. O número de personagens é pequeno e todos estão presentes na cena do crime - ou melhor ainda, permanecem lá durante o romance. Na mais pura das representações dos clássicos, o espaço de tempo é curto. O verdadeiro arcabouço temporal é o período durante o qual os suspeitos permanecem juntos e durante o qual o crime é cometido, embora acontecimentos passados forneçam a chave da motivação do criminoso. O assassinato inicial é o cerne da ação, ocorrendo no princípio da trama, às vezes mesmo antes do começo da história.⁷⁷

Porém, baseado nas teorias marxistas, Mandel também faz uma análise da sociedade burguesa – principal consumidora de literatura de ficção –, mostrando como o romance policial lida com as diferentes classes sociais, desde as camadas inferiores e excluídas, como os pobres e os assassinos, até as classes altas da burguesia e da aristocracia. No caso da Inglaterra, Mandel afirma que o romance policial não criminaliza exclusivamente as classes baixas ou apresenta criminoso puramente estereotipados. Pelo contrário, em diversas histórias membros das classes altas são aqueles que cometam o crime – crimes principalmente motivados por vingança e ganância. Assim o fator principal do romance policial não é discutir de onde o criminoso veio ou como se tornou um criminoso, mas sim desvendar o crime, encontrar o culpado e puni-lo. O

⁷⁶ FONTES, Joaquim Rubens. *O universo da ficção policial: um estudo sobre o gênero policial*. Rio de Janeiro: Edições Galo Branco, 2012. p. 50.

⁷⁷ MANDEL, Ernest. *Delícias do crime: história social do romance policial*. São Paulo: Busca Vida, 1988. p. 50.

romance policial é o que a sociedade burguesa queria ler na época, uma história entre maus (criminosos) e bons (detetive e polícia), onde a narrativa leva o leitor da desordem e da quebra da lei para a ordem e a justiça. “O romance policial é o império do final feliz – onde o criminoso é sempre apanhado, a justiça é sempre feita, o crime não compensa e no final a legalidade, os valores, a sociedade burguesa sempre triunfam.”⁷⁸

O começo do século XIX foi o período em que o romance policial foi mais popular na Inglaterra. Esta época era caracterizada por uma complexa hierarquia tanto social quanto estatal, sendo que tanto a sociedade quanto o Estado mantinham, cada vez mais, relações profundas com o capitalismo. As narrativas, nesta época, eram lançadas em folhetos denominados *broadsides*. O formato se alterou a partir da segunda metade do século XIX, quando o imposto do selo parou de ser cobrado; a partir de então, houve um aumento na publicação de romances policiais em jornais, embora os *broadsides* continuassem a ser bastante populares.⁷⁹

Mesmo que o romance policial tenha sido desvalorizado pela “grande literatura”, o personagem literário que mais se tornou “real”, por assim dizer - ou seja, que passou a integrar o imaginário social, mantendo-se vivo com o passar das décadas -, é oriundo de uma ficção policial: Sherlock Holmes. Nem mesmo os clássicos autores anteriormente citados foram capazes de criar um personagem capaz de se manter por tanto tempo “vivo” de forma autônoma. Como afirma o autor Roland Marx,

Sherlock Holmes existiu: sua casa, seus itinerários, os grandes acontecimentos da sua vida convenceram os leitores, através dos tempos, dessa verdade “elementar”. Ninguém estava mais convencido disso do que o londrino vitoriano... e com isso se tranquilizava. Um detetive de primeira ordem parecia indispensável naqueles tempos em que o crime se ostentava com uma insolência que todos julgavam sem igual na história da humanidade.⁸⁰

Ou seja, as histórias de Sherlock Holmes estão relacionadas com o seu contexto de criação. Como a elaboração de um romance policial exige algum nível de magnitude, diz Lins, são específicos os locais onde ele pode se desenvolver adequadamente. Segundo o autor, isto só é possível em locais com aspectos externos adequados, como, por exemplo, a existência de uma civilização grandiosa: afinal, salienta Lins, o romance precisa da inspiração de crimes espetaculares e criminosos excepcionais, pois um romance abordando crimes corriqueiros e

⁷⁸ MANDEL, Ernest. *Delícias do crime: história social do romance policial*. São Paulo: Busca Vida, 1988. p. 80-81.

⁷⁹ CHASSAIGNE, Philippe. “Popular representations of crime: the crime broadside – a subculture of violence in Victorian Britain?”. *Crime, History & Societies*, 1999, vol. 3, nº 2. p. 24.

⁸⁰ MARX, Roland. Sherlock Holmes of Baker Street. In: CHARLOT, Monica; MARX, Roland (orgs). *Londres 1851-1901: a era vitoriana ou o triunfo das desigualdades*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993. p. 123.

criminosos medianos não seria interessante aos leitores.⁸¹ E a Londres da época vitoriana certamente constituía um grande e verossímil cenário.

⁸¹ LINS, Álvaro. *No mundo do romance policial*. São Paulo: Ministério da Educação e Saúde: Serviço de documentação, 1947. (Os Cadernos de Cultura). p. 14-15.

3. “VOCÊ CONHECE MEUS MÉTODOS”

3. 1. Sherlock Holmes e a técnica de investigação: A ciência em busca dos detalhes

Grande parte do realismo representado no romance policial se deve às técnicas investigativas, pois a solução do caso não pode se dar num passe de mágica e o passo-a-passo do detetive não pode ficar sem ser explicado.

Em *Sinais: Raízes de um paradigma indiciário*, Carlo Ginzburg apresenta o chamado “paradigma indiciário” que através de Freud, do personagem Sherlock Holmes e do crítico de arte Morelli, apresenta uma técnica de conhecimento baseada na análise de um detalhe revelador sobre algo mais generalizado. De acordo com Ginzburg, este novo paradigma surgiu em fins do século XIX, caracterizando-se também, naquela época, como um novo padrão epistemológico que, até fins do século XX - na época em que Ginzburg compôs a obra - não havia recebido a ênfase que lhe era cabida, mas que, contudo, colaboraria enormemente em diversos âmbitos de análise.

De acordo com o autor, o italiano Giovanni Morelli, entre o período de 1874 e 1876, publicou uma série de artigos sobre pinturas italianas em uma revista alemã, utilizando o pseudônimo de Ivan Lermolieff. O método de análise teorizado por ele, que serviria para identificar o autor correto de uma obra, pode ser relacionado com o método de escrita do romance policial.

Essa técnica descrita por Morelli possui semelhanças tanto na área da psicologia, com proposições de Sigmund Freud, quanto na literatura, com as histórias de Sherlock de Arthur Conan Doyle. Para o trabalho dos três profissionais, os vestígios são elementos de extrema importância. “Nos três casos, pistas talvez infinitesimais permitem captar uma realidade mais profunda, de outra forma inatingível. Pistas: mais precisamente sintomas (no caso de Freud), indícios (no caso de Sherlock Holmes), signos pictóricos (no caso de Morelli).”⁸²

No livro *Um estudo em vermelho*, Holmes deixa claro a afirmação anterior quando diz: “Por enquanto, ainda não dispomos de dados [...] É um erro capital formular teorias antes de contarmos com todos os indícios. Pode prejudicar o raciocínio.”⁸³ Nessa breve citação, Holmes apresenta como dá prosseguimento ao seu trabalho: ele se baseia em todas as informações e elementos possíveis sobre o caso, antes de formar uma teoria sobre o que aconteceu e como

⁸² GINZBURG, Carlo. *Sinais: Raízes de um paradigma indiciário*. In: *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 150.

⁸³ DOYLE, (Sir) Arthur Conan. *Sherlock Holmes - Obra Completa*. 2 ed. v. 1. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. p. 28.

encontrar o culpado. Em outro conto, uma fala de Holmes ajuda a concluir esse raciocínio: “É um velho preceito meu que, quando se exclui o impossível, o que resta, por mais improvável que seja, deve ser a verdade.”⁸⁴ Assim, temos certeza como Holmes chega a suas conclusões. Após examinar todos os fatores envolvidos, relacionar as possibilidades e excluir as impossíveis, o que resta só pode ser a solução por menos óbvia que possa parecer.

Ginzburg demonstra um fascínio pelas investigações realizadas por Morelli e pelo personagem criado por Conan Doyle; uma investigação baseada nos detalhes. Contudo, em alguns casos Holmes não aceita as evidências como verdades. E mesmo tendo todas as provas e fatos contra o acusado, quando Holmes acredita que existe algo a mais que mudaria tudo, vai contra todas as lógicas quando sente que algo está errado. “Aí está, meu caro Watson, o relato de um fracasso. E ainda assim – e ainda assim – ele cerrou as mãos num paroxismo de convicção. – Eu *sei* que está tudo errado. Sinto isso nos meus ossos. Existe algo que ainda não apareceu [...]”. Em outros livros Holmes já havia admitido que parte do que ele faz é devido a “uma espécie de intuição nesse sentido.”⁸⁵

Outro elemento que contribui com a ideia de que Sherlock Holmes é um personagem verossímil é que Conan Doyle não só utiliza o cenário de Londres com os mesmos locais e mesmos nomes de rua, mas também menciona personagens e pessoas que existiam. No mundo de Sherlock Holmes, C. Auguste Dupin de Edgar Allan Poe e Monsieur Lecoq de Émile Gaboriau existem como se fossem pessoas, e não personagens ficcionais. Em sua primeira história, *Um estudo em vermelho*, quando Dr. Watson diz que não acreditava que pessoas como Dupin existissem, Holmes fala sobre eles como se fossem uma representação inferior de um detetive de verdade⁸⁶ – apesar de Conan Doyle admirar Poe e Gaboriau. No mesmo caso, pessoas reais aparecem nesse mundo ficcional: em *Memórias de Sherlock Holmes*, Holmes manifesta um grande interesse pelo sistema de medidas de Alphonse Bertillon.⁸⁷ O chefe do setor de identificação da Polícia Judiciária de Paris ainda tem uma segunda menção em *O cão dos Baskervilles*.⁸⁸ Ou seja, ao colocar seus personagens interagindo com pessoas reais, Doyle trata Holmes como se ele também fosse uma pessoa de verdade.

A presença de pesquisadores e as explicações científicas de Holmes, refletem o movimento que mais influenciou o romance policial do século XIX, o Positivismo. A teoria

⁸⁴ DOYLE, (Sir) Arthur Conan. *Sherlock Holmes - Obra Completa*. 2 ed. v. 1. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. p. 421.

⁸⁵ Ibidem. p. 23

⁸⁶ Ibidem. p. 24.

⁸⁷ DOYLE, (Sir) Arthur Conan. *Sherlock Holmes - Obra Completa*. 2 ed. v. 2. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. p. 172.

⁸⁸ DOYLE, (Sir) Arthur Conan. *Sherlock Holmes - Obra Completa*. 2 ed. v. 3. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. p. 462.

positivista foi uma das últimas correntes filosóficas a ser largamente divulgada para além de âmbitos acadêmicos. Sua crença básica era a de que todos os fenômenos são guiados por leis; conseqüentemente, o espírito humano, por exemplo, também está.⁸⁹ O positivismo se baseia em um

modelo de investigação comum às ciências empíricas particulares, com vistas a “descobrir as regras que governam a sucessão e a coexistência dos fenômenos”. A denominação decorreu da importância que a física tinha até então, e a “nova” ciência por ele concebida aplicaria procedimentos metodológicos de observação dos fenômenos históricos e sociais.⁹⁰

Assim, nota-se por que as teorias baseadas no positivismo estavam presentes no romance policial. Outro exemplo de explicações científicas vem com uma menção subentendida da antropometria. Em 1879, Bertillon construiu um método de identificação de pessoas, voltado em princípio à identificação dos criminosos reincidentes. O método se baseava na medição de partes do corpo e em percepções antropológicas anteriores. Este sistema era fundamentado nos princípios traçados por Quetelet, que afirmava que as formas e dimensões, na natureza, obedeciam a preceitos matemáticos. A partir de 1882, este método de medição e identificação ficou conhecido como “Bertillonage”, sendo oficialmente reconhecido pelo primeiro Congresso Internacional de Antropologia Criminal realizado em Roma, no ano de 1885.⁹¹ O sistema de Bertillon possui três partes sobre os quais se estrutura:

O sinal *antropométrico*, que consiste em medir com a máxima precisão, em condições prescritas, algumas das dimensões mais características da estrutura óssea do corpo humano; O sinal *descritivo* ou morfológico, que é a observação da forma corporal e dos movimentos, e até mesmo as qualidades mentais e morais mais características; E o sinal por *marcas peculiares*, ou sinal *patológico*, como poderia ser chamado, que é a observação das peculiaridades na superfície do corpo, resultante de doença, acidente, deformidade ou desfiguração artificial, como pintas, verrugas, cicatrizes, tatuagens etc.⁹²

⁸⁹ REIMÃO, Sandra Lúcia. *O que é romance policial*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 14-15.

⁹⁰ *Dicionário da Elite Política Republicana (1889-1930)* | CPDOC. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/dicionario-primeira-republica/6>>. Acesso em 28 nov. 2016.

⁹¹ *Alphonse Bertillon*. Disponível em: <<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/AlphonBe.html>>. Acesso em 28 nov. 2016.

⁹² “the *anthropometrical* signalment, which consists in measuring with the utmost precision, under prescribed conditions, some some of the most characteristic dimensions of the bony structure of the human body; the *descriptive* or morphological signalment, which is the observation of the bodily shape and movements, and even the most characteristic mental and moral qualities; and the *signalment by peculiar marks*, or the *pathological* signalment, as it might almost be called, which is the observation of the peculiarities of the surface of the body, resulting from disease, accident, deformity or artificial disfigurement, such as moles, warts, scars, tattooings etc.” Tradução minha. BERTILLON, Alphonse. *Signaletic instructions including the theory and practice of anthropometrical identification*. Chicago, New York [etc.] : The Werner company, 1896. p. viii. Disponível em <<https://archive.org/details/signaleticinstru00bert>> Acesso em 29 nov. 2016.

Levando em consideração o terceiro item sobre a Bertillonage, sinais na pele podem trazer pequenos detalhes que se transformam em indício ou parte da descrição de indivíduos. Para Lombroso, a presença da tatuagem indicaria a selvageria atrelada à presença do atavismo. Lombroso diz que “Olhando os verdadeiros símbolos, a que as tatuagens aludem, ocorreu-me distinguir tatuagem sobre o amor, religião, guerra e profissão. São traços eternos das ideias e das paixões predominantes no homem do povo.”⁹³ Nas histórias de Holmes temos dois exemplos disso. No primeiro caso, em função de uma tatuagem Holmes sabe por onde o indivíduo passou: “O peixe tatuado logo acima do seu pulso direito só poderia ter sido feito na China. Fiz um pequeno estudo sobre marcas de tatuagem e até contribuí para a literatura sobre o assunto.”⁹⁴ No segundo, se aproxima com o que Lombroso fala sobre tatuagens que fazem referência à profissão: “Mesmo quando aquele homem estava do outro lado da rua, pude ver uma grande âncora azul tatuada do dorso de sua mão. Isso indica alguma ligação com o mar. Ele tinha uma postura militar e, além disso, usava as suíças próprias da Marinha.”⁹⁵

Quando executadas nos moldes corretos, as três partes do sistema de Bertillon poderiam servir para identificar qualquer pessoa adulta. A Bertillonage é uma possível fonte onde Conan Doyle se inspirou para o conto *O caso da caixa de papelão*, uma história de assassinato motivada por ciúmes e vingança. Holmes, Watson e Lestrade visitam Susan Cushing, que acaba de receber pelos correios uma caixa de papelão com duas orelhas humanas dentro. Nesse caso, nem a solução nem a descrição do criminoso são os pontos interessantes para nossa análise, o destaque desse conto é a forma que Holmes relaciona uma das orelhas cortadas com a mulher que a recebeu. Baseado no “sinal antropométrico”, ele explica para seu colega de quarto:

Você, como médico, Watson, sabe que não existe parte do corpo que varie tanto quanto uma orelha. Cada uma é, como regra geral, completamente distinta e diferente das demais. [...] Portanto, eu tinha examinado as orelhas na caixa com os olhos de um especialista e percebi as particularidades anatômicas. Imagine agora minha surpresa quando, ao olhar para a srta. Cushing, notei que a orelha dela correspondia exatamente à orelha feminina que eu tinha acabado de examinar. [...] Ali estava a mesma aurícula curta, a mesma curva aberta do lóbulo superior, o mesmo desenho da cartilagem interna. No essencial, era a mesma orelha. Claro que vi logo a enorme importância da observação. Era lógico que a vítima era um parente, provavelmente bem próximo.⁹⁶

⁹³ LOMBROSO, Cesare. *O homem delinquente*. São Paulo: Ícone, 2007. p. 30

⁹⁴ DOYLE, (Sir) Arthur Conan. *Sherlock Holmes - Obra Completa*. 2 ed. v. 1. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. p. 237.

⁹⁵ *Idibem*. p, 26.

⁹⁶ DOYLE, (Sir) Arthur Conan. *Sherlock Holmes - Obra Completa*. 2 ed. v. 3. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. p. 187-188.

Sem mencionar nomes de pesquisadores ou estudos, Conan Doyle mostra sua compreensão de Bertillon e da antropometria. A orelha foi percebida como um potencial modo de identificação pela primeira vez justamente a partir de Bertillon. A partir de seus estudos, Bertillon concluiu que partes do corpo poderiam ser usadas para a identificação devido a sua singularidade: uma parte do corpo - a orelha, por exemplo - era única em cada indivíduo, e dessa forma não haveria como existir duas iguais no mundo. Assim, a identificação funcionaria através da medição de uma parte específica do corpo e, em seguida, da comparação com fotografias prévias do próprio indivíduo ou de outras pessoas.⁹⁷ O diferencial da orelha para a identificação de um indivíduo reside no caráter único dos elementos que a compõem - como sua localização, ângulos, tamanho e direção. Sendo cada uma dessas características únicas em cada pessoa, a análise da orelha se torna bastante útil para a identificação⁹⁸, é também um aspecto destacado por Morelli na identificação de autenticidade em pinturas, conforme Ginzburg.⁹⁹ Essa demonstração de conhecimento está presente da mesma forma quando Doyle fala sobre as características físicas e biológicas dos criminosos.

3. 2. O criminoso do século XIX: Quando o corpo reflete a intenção

Diversos fatores podem influenciar no comportamento criminoso, sejam eles políticos, legais, econômicos, sociais ou psicológicos. Os diferentes tipos de criminoso e suas motivações podem existir em qualquer classe social. Contudo, para a ciência do século XVIII e XIX o comportamento criminoso poderia ser explicado com base na análise das características dos próprios indivíduos ou do meio do qual eles eram originários. Assim, foi durante o século XIX que surgiram várias teorias com o objetivo de identificar o indivíduo criminoso no meio da multidão. Na sequência deste capítulo veremos duas dessas teorias relevantes para a análise das histórias de Sherlock Holmes, a fisiognomonia e o atavismo.

A técnica da fisiognomonia se esforçou em tentar desvendar uma *linguagem* que as expressões faciais supostamente teriam. O método em si é bastante antigo, datando da Grécia dos tempos da Antiguidade; contudo, a fisiognomonia tornou-se uma *arte* a partir do século XVI, época em que se tentava descobrir, a partir do rosto, os detalhes mais profundos da alma.

⁹⁷ RASHID, R. A.; YUSOF, F. Z.; ZULKIFLI, N. Anthropometric Comparison of Cross-Sectional External Ear between Monozygotic Twin. *Annals of Forensic Research and Analysis*, 2014. p. 1 Disponível em: <<https://www.jsicmedcentral.com/Forensic/forensic-1-1010.pdf>>. Acesso em 28 nov. 2016.

⁹⁸ Ibidem, p. 1-2.

⁹⁹ GINZBURG, Carlo. Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 144-145.

Diversos intelectuais se interessavam pelo estudo da fisiognomonia: artistas como Leonardo da Vinci, Miguel Ângelo, Giambattista Della Porta, Charles Le Brun, Peter Paul Rubens, pensadores como René Descartes, Johann Kaspar Lavater, literatos como Johann Goethe, Émile Zola, Pierre de Marivaux e Honoré de Balzac, entre vários outros.¹⁰⁰

Charles Le Brun foi um dos artistas mais famosos a estudar a fisiognomonia, tendo ficado mais conhecido justamente por isto do que por seus quadros. Em 1633, ele foi nomeado Chanceler da Academia Real de Pintura e Escultura da França pelo próprio rei Luís XIV. Cinco anos depois, na mesma Academia, Le Brun pôs em prática a Conferência sobre Expressões em Geral e Particulares. Este evento se tornaria um importante marco e influenciaria os estudos de fisiognomonia que iriam ser feitos depois.¹⁰¹

Como mencionado, a fisiognomonia tem uma história duradoura. Essa teoria estuda os traços e expressões do rosto, baseando-se na ideia da face como o espelho da alma; conseqüentemente, segundo Maria Izilda Santos de Matos, a fisiognomonia seria uma forma de se aproximar das verdadeiras “inclinações da alma”.¹⁰²

No século XIX a fisiognomonia adquiriu ares mais científicos especialmente a partir do trabalho de Charles Darwin que, com base em estudos de anatomia, publicou em 1872 a obra *A Expressão das Emoções no Homem e nos animais*. Nesta publicação, Darwin afirmava que as expressões exteriores das emoções eram resquícios de atitudes praticadas pelos ancestrais do ser humano; foi a partir dessa ideia da ancestralidade animal de emoção que Darwin quebrou as antigas relações das expressões emocionais com a alma.¹⁰³ Entretanto, esta relação continuou a ser feita no século XIX, e a fisiognomonia continuou a ser empregada como uma ferramenta para tentar encontrar desvios morais em um indivíduo. Exemplo disso é a obra *L'uomo delinquente*, publicada por Cesare Lombroso em 1875; o texto visava o estudo de características físicas e psíquicas que influenciariam – ao lado de fatores externos – tendências criminosas.

Um dos primeiros estudiosos da fisiognomonia, algum tempo antes de Lombroso ganhar fama com suas teorias, foi Johann Kaspar Lavater. Pastor suíço nascido em 1741 e falecido em 1801, Lavater foi o responsável por escrever entre 1775 e 1778 os *Ensaios sobre a Fisiognomonia*. Nestes ensaios Lavater definia a fisiognomonia como a ciência responsável por unir “superfície” e “interior” do ser humano para análise. Na visão de Lavater, a fisionomia de

¹⁰⁰ MATOS, Maria Izilda Santos de. Espelhos da alma: fisiognomonia, emoções e sensibilidades. *Revista Brasileira de História das Religiões*. ANPUH, Ano V, n. 14, setembro 2012. p. 18.

¹⁰¹ MIRANDA, Carlos Eduardo Albuquerque. A Fisiognomonia de Charles Le Brun - a educação da face e a educação do olhar. *Revista Pro-Posições*, v. 16, n. 2 (47) - maio/ago. 2005. p. 18.

¹⁰² MATOS, op. cit. p. 11

¹⁰³ ECO apud MATOS, op. cit. p. 20

uma pessoa podia se alterar, fazendo com que essas mudanças pudessem se transmitir a seus descendentes. Da mesma forma, para Lavater as expressões do rosto estavam estreitamente ligadas às paixões e à alma de um indivíduo.¹⁰⁴ Lavater além de descrever as expressões humanas, fez diversos comentários sobre a fisionomia e a “intenção” de diferentes animais.

Algo que chama a atenção nas histórias de Conan Doyle é o uso de animais para descrever características e ações humanas. No conto *A aventura da casa vazia*¹⁰⁵ vemos um exemplo de como as expressões faciais eram importantes, não só nas deduções, mas para confirmar a intenção da pessoa. Nessa história, Holmes “voltou dos mortos” e nos últimos três anos havia embarcado em uma busca pelos mais perigosos comparsas do professor James Moriarty.

Holmes e Watson vão para uma casa vazia de onde podem ver as janelas da rua Baker 221B. Watson se pergunta como ele pode ver o perfil de Holmes através da janela, e o detetive explica que é um busto de cera que ele está usando como “isca”. Enquanto Holmes e Watson esperam, Sebastian Moran entra na sala sem ver os dois homens escondidos na escuridão, prepara uma arma e atira no busto. Watson o derruba enquanto Holmes chama Lestrade para prendê-lo. Após a captura do homem, Watson descreve as expressões faciais dele e podemos ver uma semelhança com a relação às descrições da fisiognomia sobre a intenção criminosa.

Era um rosto extremamente viril mas sinistro o que estava voltado para nós. Com a testa de um filósofo e a boca de um libertino, o homem deve ter começado com grande capacidade para o bem ou para o mal. Mas ninguém poderia olhar para seus cruéis olhos azuis, com as pálpebras cínicas e caídas, ou para o nariz agressivo e feroz e as sobrancelhas cerradas e ameaçadoras sem perceber os sinais mais evidentes de perigo da natureza. (E mais adiante na mesma página conclui a descrição) O velho feroz não disse nada, mas ainda fitava meu amigo. Com os olhos selvagens e o bigode eriçado, parecia-se maravilhosamente com um tigre.¹⁰⁶

Em *Ensaio sobre a Fisiognomia*, Lavater comenta sobre o tigre, dizendo “Que crueldade sedenta de sangue, que ofício insidioso no olho e focinho do tigre! Pode o riso do próprio Satanás, para um santo caído, pode ser mais diabólico do que a cabeça do tigre triunfante?”¹⁰⁷ Retirando a influência religiosa de Lavater, nota-se a semelhanças nos adjetivos

¹⁰⁴ MATOS, Maria Izilda Santos de. Espelhos da alma: fisiognomia, emoções e sensibilidades. *Revista Brasileira de História das Religiões*. ANPUH, Ano V, n. 14, setembro 2012. p. 29.

¹⁰⁵ Primeiro conto de *A volta de Sherlock Holmes*, o livro é uma compilação de 13 contos de Sherlock Holmes escritos por Arthur Conan Doyle. O volume foi publicado primeiramente em fevereiro de 1905 por McClure, Phillips & Co. (New York) e por Morang & Co. (Toronto).

¹⁰⁶ DOYLE, (Sir) Arthur Conan. *Sherlock Holmes - Obra Completa*. 2 ed. v. 2. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. p. 214.

¹⁰⁷ “What blood-thirsty cruelty, what insidious craft in the eye and snout of the tiger! Can the laugh of Satan himself, at a falling saint, be more fiendlike than the head of the triumphant tiger?” Tradução minha. In: LAVATER,

utilizados nas descrições, pois ambas as citações remetem a características selvagens, violentas e cruéis. Não podemos saber com certeza como Sebastian Moran reagiria se tivesse sucesso em assassinar Holmes, mas se imaginarmos uma história paralela onde Moran conclui suas intenções, o semblante de um “tigre triunfante sobre sua presa” pode ser uma possível representação dos sentimentos de orgulho e maldade combinados.

Nas histórias de Holmes, o criminoso que consegue esconder suas intenções apesar da sua aparência, é um indivíduo que merece a atenção das análises do detetive. Holmes chega a ter uma certa admiração por criminosos inteligentes. Ele diz que o Professor Moriarty era um gênio naquilo que fazia. “[...] professor James Moriarty, que foi um dos maiores cérebros do século.”¹⁰⁸ Holmes consegue perceber todas as características suspeitas em Moriarty e tem noção das ações passadas do professor, mas não consegue prever as suas reais intenções. A maior questão das teorias no século XIX e inícios do XX era justamente desenvolver instrumentos científicos para identificar intenções criminosas a fim de prevenir o crime antes mesmo que ele acontecesse.

No conto *O Problema Final*¹⁰⁹, uma noite, Holmes visita Dr. John Watson bastante agitado e com seus dedos sangrando. Watson se surpreende em saber que Holmes havia evitado três tentativas de assassinato após uma visita do professor Moriarty, que avisou a Holmes para desistir de fazer justiça contra ele. A primeira tentativa se deu quando estava virando uma esquina e um táxi tentou atropelá-lo; a segunda foi enquanto Holmes estava andando pela rua e um tijolo caiu do telhado de uma casa; por fim, quando ia ver Watson, foi atacado por um homem. Holmes conta como foi a visita de Moriarty e descreve sua aparência.

Muito alto e magro, sua testa forma uma curva branca e os olhos são profundamente engastados no rosto escanhado. Pálido e de expressão ascética, conserva nos seus traços alguma coisa do professor. Os ombros são curvados em consequência de muito estudo e a cabeça inclina-se para a frente, sempre oscilando de um lado para o outro, como um réptil. Ficou me observando com grande curiosidade nos olhos de pálpebras franzidas.¹¹⁰

Novamente está presente a comparação com animais. Lavater tem a descrição de um réptil específico, a serpente:

Johann Caspar. *Essays on physiognomy*. London: William Tegg and Co, 1853. p. 215. Disponível em: <<https://archive.org/details/04851455.5902.emory.edu>>. Acesso em 28 nov. 2016.

¹⁰⁸ DOYLE, (Sir) Arthur Conan. *Sherlock Holmes - Obra Completa*. 2 ed. v. 2. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. p. 216

¹⁰⁹ Último conto de Memórias de Sherlock Holmes, um livro que reúne 11 contos de Sherlock Holmes escritas por Arthur Conan Doyle. Foi publicado em 1893 pelo mesmo editor da Strand Magazine, George Newnes Ltd.

¹¹⁰ DOYLE, op. cit. p. 187

Figura 2 – “Professor Moriarty stood before me”



Fonte: The Victorian Web¹¹¹

O que tem menos ainda mais de fisionomia do que a serpente? Não podemos perceber [...] sinais decisivos de astúcia e traição? [...] Eu concordo, de fato, que os homens mais astutos têm olhos afundados na cabeça, enquanto que o olho na serpente é proeminente, mas este é o sinal de ofício maligno.¹¹²

Descrições diferentes e ao mesmo tempo semelhantes. Não aparecem características de crueldade ou violência, mas sim inteligência. Lavater diz que homens astutos têm os olhos mais aprofundados na face, com o mesmo significado, mas outras palavras, Holmes descreve Moriarty com essa característica.

A imagem ao lado é a ilustração original de James Moriarty, desenhado por Sidney Edward Paget, e publicado na *Strand Magazine* junto com o conto *O Problema final* em 1893. No presente trabalho a imagem serve apenas como ilustração do trecho que apresenta a descrição de Moriarty, mas no conto original ela, e todas as outras ilustrações, serviam para dirigir a imaginação do leitor.¹¹³ As ilustrações são merecedoras de uma análise própria, mas esse assunto

foge ao escopo deste trabalho.

Em outros casos, na utilização da fisiognomonia por Conan Doyle o criminoso ignorante e inculto parece um animal selvagem, porém astuto.

[...] Sobre as rochas, na fenda em que a vela queimava, projetava-se um rosto amarelo perverso, um rosto terrível de animal, todo enrugado e marcado de paixões vis. Sujo de lama, com a barba eriçada e cabelos emaranhados, podia ter pertencido a um daqueles antigos selvagens que habitavam nas tocas das encostas das colinas. A luz embaixo dele refletia-se em seus olhos pequenos e astutos, que olhavam ferozmente

¹¹¹ PAGET, Sidney. “*Professor Moriarty stood before me*”, 1893, Reprodução fotográfica de tinta ou aquarela sobre papel. Disponível em: <<http://www.victorianweb.org/victorian/art/illustration/pagets/197.html>> Acesso em 30 nov. 2016

¹¹² “What has less yet more of physiognomy than the serpent? May we not perceive, in the heads before us, decisive tokens of cunning and treachery? [...] I grant, indeed, that the most crafty men have eyes sunken in the head, whereas the eye in the serpent is prominent, but this is the sign of malignant craft.” Tradução minha. In: LAVATER, Johann Caspar. *Essays on physiognomy*. London: William Tegg and Co, 1853. p. 215. Disponível em: <<https://archive.org/details/04851455.5902.emory.edu>>. Acesso em 28 nov. 2016. p. 226

¹¹³ Como o chapéu, “*deerstalker hat*”, que Holmes é frequentemente ilustrado utilizando, não são originais das histórias. O chapéu foi ilustrado por Sidney Paget, mas nunca mencionado no texto de nenhuma história.

para a direita e para a esquerda através da escuridão, como um animal manhoso e selvagem que ouviu os passos dos caçadores.¹¹⁴

E, por outro lado, o homem nobre maléfico se parece com todos os outros, mas é frequentemente descrito como tendo uma “deformidade moral” relacionada à sua herança genética. Nas histórias de Sherlock Holmes existe claramente uma aprovação da classificação da Criminologia Positivista que compreendia que o criminoso possui uma deformidade patológica e que muitas vezes nasce com um desvio de caráter.¹¹⁵ A atitude científica de Lombroso era caracteristicamente positivista, tendo sido ele, ao lado de Ferri, o responsável por fundar a Escola italiana de antropologia criminal, posteriormente chamada de criminologia positivista (num sentido muito mais amplo, para além dos estudiosos italianos). Lombroso percebe o crime como se fosse uma enfermidade, determinada organicamente; em outras palavras, seria a própria *biologia* do criminoso a força motivadora de sua inclinação à criminalidade.

Holmes atribui sua capacidade de utilizar a ciência ao sangue herdado de sua família, a uma herança genética, portanto.

Meus antepassados pertenciam à nobreza do campo e parecem ter levado a existência normal dos de sua classe. Ainda assim, minha inclinação está nas minhas veias e talvez tenha sido herdada de minha avó, que era irmã de Vernet, o artista francês. A arte no sangue é capaz de assumir as formas mais estranhas.¹¹⁶

A “arte” a qual Holmes se refere é a “arte de criar”. Uma capacidade intelectual elevada que possibilite a criação para o bem ou para o mal. Holmes também não ignora que poderia usar seu conhecimento para o mal, pois ele diz sobre si mesmo: “Watson, não me importo de confessar a você que sempre achei que eu daria um criminoso bastante eficiente.”¹¹⁷ Uma explicação para Holmes não ter se tornado um criminoso pode estar em *O Homem Delinquente*.

Nesse livro, Lombroso apresenta diferentes tipos criminoso, um deles é o “Delinquente científico”, onde autor afirma que “O homem propenso a respirar a serena atmosfera da ciência, que é por si o objetivo e o deleite, homens experimentados nos critérios da verdade conseguem mais facilmente dominar as paixões brutais, e naturalmente repugnam a tortuosa e estéril via

¹¹⁴ DOYLE, (Sir) Arthur Conan. *Sherlock Holmes - Obra Completa*. 2 ed. v. 2. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. p. 537

¹¹⁵ PAULA, Tania Braga de. *Criminologia: estudo das escolas sociológicas do crime e da prática de infrações penais*. 2013. Monografia (Trabalho de conclusão de curso em Direito) - Centro Universitário do Norte Paulista - UNORP, São José do Rio Preto, 2013. p. 15. Disponível em: < <http://www.anadep.org.br/wtk/pagina/materia?id=19308> > Acesso em 28 nov. 2016.

¹¹⁶ DOYLE, (Sir) Arthur Conan. *Sherlock Holmes - Obra Completa*. 2 ed. v. 2. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. p. 139.

¹¹⁷ *Ibidem*, p. 332

do delito.”¹¹⁸ Assim, a inclinação de Holmes para o mundo científico contribuiu para que qualquer “gene do mal” fosse inibido ou controlado. Seguindo a lógica, Lombroso diz que “a ciência não é um fim, mas um meio, se não houver outra força que baste para domar as paixões.”¹¹⁹ O que pode explicar também, a inquietação e a depressão que Holmes sente quando está há muito tempo sem resolver um caso – e acaba recorrendo ao uso de cocaína.

Assim, através de Sherlock Holmes, Conan Doyle transmitia ideias fundamentadas em um pensamento cientificista em voga nas décadas finais do século XIX. Dentre elas, pode se dizer que a mais importante delas é a da antropologia criminal. Conan Doyle tinha como objetivo produzir um “detetive científico”, dialogando com o contexto da época, onde a ciência e suas descobertas eram vistos de forma positiva pela sociedade.¹²⁰

Outra teoria “científica” da época presente nas histórias de Sherlock é a da degenerescência. Em 1857, Benedict August Morel publicou *Traité de dégénérescences physiques, intellectuelles et morales de l’espèce humaine et des causes qui produisent ces variétés maladives*. Citando Sandra Caponi, Fernanda Rebelo explica que foi a partir desse tratado que se estruturou a teoria da degeneração e a psiquiatria começou a aumentar sua capacidade de atuação, pois a teoria em questão seria “um marco explicativo para as doenças mentais no interior do qual desaparecem as barreiras taxativas entre o delírio e as anomalias ou degenerações menores, definidas como desvios físicos ou morais do tipo originário.”¹²¹ De acordo com esta teoria, a mente de uma pessoa se degeneraria de forma gradual à medida que as gerações prosseguissem.¹²²

O termo “atavismo” se refere ao surgimento de uma característica específica em um organismo após não ter se manifestado por várias gerações. O atavismo foi um componente essencial na fundamentação de diversas teorias sobre o comportamento criminoso, como por exemplo as elaboradas por Cesare Lombroso: segundo Lombroso, o comportamento criminoso de um indivíduo seria baseado justamente no atavismo. Dessa forma, os objetivos de Lombroso se resumiam a determinar que características físicas de um indivíduo estariam atreladas ao

¹¹⁸ LOMBROSO, Cesare. *O homem delinquente*. São Paulo: Ícone, 2007. p. 148

¹¹⁹ Ibidem, p. 149

¹²⁰ SILVA, Dimas de Fonte. A Ciência em Sherlock Holmes. Revista *Tessituras*. Nº 1, maio 2010. Disponível em: <http://revistatessituras.com.br/arquivo/Dimas_%20de_Fonte_%20A_%20Ciencia_%20em_%20Sherlock_%20Holmes.pdf>. Acesso em 28 nov. 2016. p. 7.

¹²¹ CAPONI apud REBELO, Fernanda. Da teoria da degeneração de Morel à classificação das doenças mentais de Kraepelin. *História, Ciências, Saúde* – Manguinhos. Rio de Janeiro: 2013, p. 1757.

¹²² ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. *A teoria da degenerescência na fundação da psiquiatria brasileira: contraposição entre Raimundo Nina Rodrigues e Juliano Moreira*. Disponível em: <<http://www.polbr.med.br/ano01/wal1201.php>>. Acesso em 28 nov. 2016.

atavismo e serviriam para apontar seus traços “selvagens” e, conseqüentemente, revelariam sua inclinação ao crime.¹²³

Para Holmes, uma pessoa pode se tornar criminosa em qualquer momento da sua vida, independente de determinismos externos, pois é geneticamente propensa ao crime. Esse “gene do mal” pode ser inibido, mas geralmente se desenvolve. Holmes faz uma analogia usando a deformidade em árvores para falar sobre a degeneração perpetuada na herança genética.

Existem árvores, Watson, que crescem até certa altura e de repente desenvolvem um desvio disforme. Você perceberá isso com frequência nos seres humanos. Tenho uma teoria segundo a qual o indivíduo reproduz no seu desenvolvimento toda a evolução de seus antepassados e que uma mudança repentina, para o bem ou para o mal, surge em conseqüência de alguma forte influência ocorrida em sua linhagem.¹²⁴

Holmes também acredita que a tendência ao crime é atávica, pois quando fala sobre Moriarty, ele deixa claro a relação entre um “comportamento disforme” e a “herança genética”.

Sua carreira é extraordinária. É um homem bem-nascido e de excelente cultura, dotado pela natureza de um talento matemático excepcional. [...] Mas suas tendências hereditárias são do tipo diabólico. Há uma disposição criminosa no seu sangue que, em vez de se modificar, ficou mais acentuada, tornando-se infinitamente mais perigosa devido à sua extraordinária capacidade mental.¹²⁵

A noção de atavismo se baseou na teoria evolucionista de Charles Darwin, segundo a qual o sujeito atávico seria, na escala evolutiva, o que possuía o menor grau de desenvolvimento e, conseqüentemente, ainda preso a um ao estado selvagem. De acordo com Deborah Dettmam Matos, a ligação das teorias de Darwin com Lombroso e o atavismo se dava a partir da ideia construída por Lombroso sobre a existência de diversos troncos de hominídeos, onde os indivíduos mais selvagens se encaixavam de forma muito próxima a seu tronco original. Conseqüentemente, o nível de civilização de um indivíduo estava atrelado à distância que se encontrava de seu tronco original; ainda segundo este raciocínio, a criminalidade se explicava por algo manifesto em pessoas originárias de troncos que permaneciam atrasados em relação aos outros, tornando o criminoso em questão subdesenvolvido física e mentalmente.¹²⁶

¹²³ MATOS, Deborah Dettmam. Racismo científico: O legado das teorias bioantropológicas na estigmatização do negro como delinqüente. In: *Âmbito Jurídico*, Rio Grande, XIII, n. 74, mar 2010. Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=7448>. Acesso em 28 nov. 2016.

¹²⁴ DOYLE, (Sir) Arthur Conan. *Sherlock Holmes - Obra Completa*. 2 ed. v. 2. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. p. 217

¹²⁵ Ibidem. p. 185

¹²⁶ MATOS, Deborah Dettmam. Racismo científico: O legado das teorias bioantropológicas na estigmatização do negro como delinqüente. In: *Âmbito Jurídico*, Rio Grande, XIII, n. 74, mar 2010. Disponível em:

A teoria atavista de Lombroso se originou em 1871, após ter realizado uma autópsia no cadáver de um bandido milanês chamado Vilela. Enquanto fazia a autópsia, Lombroso descobriu que o crânio de Vilela possuía a terceira fosseta média occipital, uma característica que também podia ser encontrada em crânios de homens primitivos. Porém, de acordo com Matos, Lombroso nunca definiu o crime como algo que fosse impossível de controlar, por estar atrelado à herança dos ascendentes de um indivíduo; a hereditariedade continuava a ser um dos fatores potenciais para motivar um delito, mas estava sempre relacionada com outros fatores, de natureza social e psicológica. Além disso, Lombroso também não pretendia afirmar que todos os crimes possuíam raízes hereditárias, pois haviam crimes motivados pelas circunstâncias e pelas paixões momentâneas.¹²⁷

É provável que as descrições em questão visavam tornar as histórias mais próximas da realidade. As descrições eram usadas com este objetivo porque seu caráter “científico” tornava possível ao leitor identificar os “tipos” criminosos quase que no mesmo instante, e, em consequência, fazer com que aquele que lia a história se sentisse parte integrante da “comunidade imaginada” relacionada à ciência e os pontos de vista nela baseados que se faziam recorrentes naquela época.

As relações entre as histórias de Sherlock Holmes e as concepções científicas do século XIX tiveram caráter legitimador para os contos escritos por Conan Doyle, além de lhe conferir um papel de divulgação das ideias e teorias científicas. O próprio Sherlock parece trabalhar de forma semelhante a um cientista, que age de maneira impessoal ante a sociedade.

Finalmente, é possível apontarmos que o processo de solução de casos executado por Sherlock Holmes é exposto e caracterizado como científico. Os próprios contos são, pode-se dizer, um “espelho da ciência do século XIX”¹²⁸, além de servirem como um receptáculo e transmissor de valores e ideias da sociedade da época em que foram escritos. Todas essas visões de mundo se manifestam a partir do romance policial, um veículo transmissor de todas essas percepções, que foi construído para atender às expectativas e anseios de um grupo leitor que desejava acessar as novidades cada vez mais constantes do século XIX.

<http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=7448>. Acesso em 28 nov 2016.

¹²⁷ MATOS, Deborah Dettmam. Racismo científico: O legado das teorias bioantropológicas na estigmatização do negro como delinqüente. In: *Âmbito Jurídico*, Rio Grande, XIII, n. 74, mar 2010. Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=7448>. Acesso em 28 nov 2016.

¹²⁸ FONTES, Joaquim Rubens. *O universo da ficção policial: um estudo sobre o gênero policial*. Rio de Janeiro: Edições Galo Branco, 2012. p. 12.

A partir do momento em que se definem como científicas e repetem as percepções científicas em vigor no contexto em que foram produzidas, as histórias de Conan Doyle se tornam um uma forma de tornar popular, dentro dos âmbitos da comunidade imaginada, a noção de que a ciência moderna é segura, infalível e tem a capacidade de controlar a natureza por completo. Pode se dizer que este é um dos vários motivos da popularidade de Sherlock Holmes ser tão extensa e antiga, pois a partir de todos estes elementos, o personagem consegue fazer com que o público leitor entre em contato com uma ideia ilusória de que lhe é possível ter controle sobre o mundo em que vive, mantendo-o na mais perfeita ordem.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste trabalho, foi possível concluir que as representações de característica criminosas presentes nas aventuras de Sherlock Holmes são produtos originados de dois fatores: primeiro, a trajetória de seu autor, Arthur Conan Doyle, e, segundo, o contexto da Era Vitoriana, que se mostrava favorável à divulgação e produção de teorias científicas.

Quem conhece Sherlock Holmes sabe que muitos estudos e análises sobre as histórias dessa personagem de Arthur Conan Doyle já foram feitos, principalmente nos campos da química e da investigação policial. Esses são os principais campos que podem ser identificados nas histórias e, provavelmente, muito leitores não encontram outros. Por certo, a leitura de qualquer obra de ficção pode ser apenas um momento de lazer ou até fonte para responder algumas perguntas específicas sobre determinados temas. Contudo, com leituras mais atentas, não podemos deixar de perceber que as histórias de Sherlock Holmes contêm diversas inspirações retiradas diretamente das teorias científicas dentro da criminologia do século XIX. Essa inspiração se dá principalmente por Conan Doyle ser médico e leitor assíduo da produção científica de sua época.

A literatura é um campo que pode contribuir imensamente para a pesquisa da história; afinal, a partir de obras literárias é possível ter acesso ao pensamento e ao senso comum de uma época, ou mesmo de ideias opostas ao que se era comum em um período histórico anterior. Para poder aproveitar melhor o potencial da literatura como fonte, é preciso destinar atenção especial a quem produziu a obra literária utilizada, considerando sua trajetória de vida e as representações de mundo que foram nela construídas. O conceito de representação, aliás, se faz fundamental neste tipo de pesquisa: o conceito diz respeito às formas de perceber e compreender o mundo construídas pelas pessoas, e sendo assim, se relaciona diretamente com a necessidade de se atentar para quem escreveu as obras estudadas. O romance policial só ganhou o interesse acadêmico no final da década de 1970. O que possibilitou que análises históricas sobre o gênero surgissem.

Um dos autores mais importantes da época era Edgar Allan Poe. Suas três histórias que contêm Dupin como protagonista são fundamentais para a compreensão do surgimento e desenvolvimento do gênero do romance policial ou das histórias de detetive.

O personagem Dupin serviria como modelo para detetives ficcionais que apareceriam posteriormente em fins do século XIX - em especial o próprio Sherlock Holmes, que tanto enfatiza sua inteligência e seu potencial de raciocinar.

As características em destaque na metodologia utilizada por Sherlock Holmes eram: observar todos os indícios e evitar o uso de teorias e hipóteses. Holmes segue estas etapas para solucionar seus casos e, a partir delas, o personagem consegue validar a convicção na busca pela verdade através da ciência e do racionalismo, assegurando ao público leitor a possibilidade de controlar a desordem.

Pode-se explicar este foco científico tão grande de Holmes como algo ligado ao positivismo nos quais sua metodologia se baseia. As histórias dão a entender que, mesmo quando tudo é incerto, o público pode acreditar na força da razão e da lógica; sendo assim, Holmes foi a figura que representou uma ideia reconfortante de infalibilidade e domínio sobre a natureza e seus mistérios, atuando para acalmar angústias existenciais correntes na Era Vitoriana.

Nesse trabalho vimos que apesar de parecer que as descrições de criminosos de Conan Doyle foram inventadas para fazer com que essas pessoas tivessem a aparência de desajustados sociais, com intenções malignas e fisionomias anormais, muitas dessas descrições eram inspiradas em estudos considerados científicos na época.

As teorias sobre a fisiognomonia desenvolvidas por Johann Kaspar Lavater no século XVIII, dizendo que a fisionomia de uma pessoa se alterava conforme sua índole e que essas modificações poderiam ser transmitidas para outras gerações, tiveram influência nos estudos da antropologia criminal do século XIX. Além disso, Lavater comparava a fisionomia do criminoso com características de animais.

Nas décadas finais do século XIX, criminologistas – sendo Cesare Lombroso e Alphonse Bertillon dois dos nomes mais conhecidos – viram no corpo humano características que correspondiam com uma tendência à criminalidade. Bertillon criou um sistema de medidas antropométricas que possibilitava reconhecer qualquer pessoa adulta. Com as teorias de Lombroso, nas quais o criminoso passou a ser visto como um retrocesso a uma idade mais “selvagem” do desenvolvimento humano, o crime se transformou em uma “doença” da sociedade que necessitava de tratamento.

Como vimos, principalmente no terceiro capítulo, Conan Doyle utiliza diversas vezes essas teorias científicas para dar embasamento, e talvez legitimidade, para as descrições e análises de Sherlock Holmes. Esse elemento, além de todo o cenário das histórias, é que cria a sensação de verossimilhança com a Era Vitoriana e ajuda também com que essas teorias se enraízem no imaginário e no senso comum dos leitores. Pois, como foi mencionado, a

Fisiognomonía e a associação do crime com uma doença atávica são teorias obsoletas no âmbito da moderna criminologia, mas continuam presentes no senso comum.

As histórias de Sherlock Holmes mantiveram um público fiel e fascinado desde fins do século XIX até o começo do XX, época em que foram publicadas. Posteriormente, os contos deram origem a centenas de produções teatrais e cinematográficas, adaptações para rádio, televisão, *videogames*, *fanfictions* e paródias. Pode-se afirmar que Sherlock Holmes é um dos personagens ficcionais mais conhecidos e replicados que já existiram, chegando mesmo a se tornar o arquétipo clássico de detetive.

FONTE

DOYLE, (Sir) Arthur Conan. *Memórias e aventuras: autobiografia de Sir Arthur Conan Doyle*. São Paulo: Marco Zero, 1993.

_____. *Sherlock Holmes - Obra Completa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. (3 volumes)

_____. *The Complete Sherlock Holmes*. New York: Barnes & Noble, 2009.

_____. *Through the Magic Door*. Sem data. Disponível em <<http://www.classic-literature.co.uk/scottish-authors/arthur-conan-doyle/through-the-magic-door/>> Acesso em 16 nov. 2016.

PAGET, Sidney. “*Look at that with your magnifying glass, Mr. Holmes*”, 1893, reprodução fotográfica de tinta ou aquarela sobre papel. Disponível em <<http://www.victorianweb.org/victorian/art/illustration/pagets/275.html>> Acesso em 30 nov 2016.

_____. “*Professor Moriarty stood before me*”, 1893, Reprodução fotográfica de tinta ou aquarela sobre papel. Disponível em <<http://www.victorianweb.org/victorian/art/illustration/pagets/197.html>> Acesso em 30 nov. 2016

BIBLIOGRAFIA

Alphonse Bertillon. Disponível em: <<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/AlphonBe.html> >. Acesso em 28 nov. 2016.

ALVAREZ, Marco Cezar. A Criminologia no Brasil ou Como Tratar Desigualmente os Desiguais. *DADOS – Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, Vol. 45, nº4, 2002. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52582002000400005&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em 20 nov 2016.

AMAYO, Enrique. A Guerra do Paraguai em perspectiva histórica. *Estudos Avançados*. São Paulo, v. 9, n. 24, p. 255-268, Aug. 1995. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141995000200013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 17 nov. 2016.

BERTILLON, Alphonse. *Signaletic instructions including the theory and practice of anthropometrical identification*. Chicago, New York [etc.] : The Werner company, 1896. Disponível em < <https://archive.org/details/signaleticinstru00bert>> Acesso em 29 nov. 2016.

BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

CAPONI apud REBELO, Fernanda. Da teoria da degeneração de Morel à classificação das doenças mentais de Kraepelin. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro: 2013.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. São Paulo: Difel, 1990.

CHASSAIGNE, Philippe. “Popular representations of crime: the crime broadside – a subculture of violence in Victorian Britain?”. *Crime, History & Societies*, 1999, vol. 3, nº 2.

Dicionário da Elite Política Republicana (1889-1930) | CPDOC. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/dicionario-primeira-republica/6>>. Acesso em 28 nov. 2016.

DINIEJKO, Andrzej. *Sir Arthur Conan Doyle. A Biographical Introduction*. Disponível em: <<http://www.victorianweb.org/authors/doyle/bio.html>> Acesso em 15 nov. 2016.

Discovering Sherlock Holmes – A Community Reading Project from Stanford University. Disponível em: <http://sherlockholmes.stanford.edu/print_issue12.html>. Acesso em 20 nov. 2016.

FONTES, Joaquim Rubens. *O universo da ficção policial: um estudo sobre o gênero policial*. Rio de Janeiro: Edições Galo Branco, 2012.

GINZBURG, Carlo. Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HUNT, Lynn. (org.) Apresentação. In: *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

JUNIOR, Gilberto F. S. *Realidade versus ficção: a literatura como fonte para a escrita da história*. VI Simpósio Nacional: Estado e Poder - Cultura, outubro de 2010, Sergipe. *Anais do VI Simpósio Nacional: Estado e Poder - Cultura*. Rio de Janeiro: UFF, 2010. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/estadoepoder/6snepc/GT13/GT13-GILBERTO.pdf>>. Acesso em 17 nov 2016.

LANDOW, George P. *Racism and genocide in Sir Arthur Conan Doyle's The Lost World*. Disponível em: <<http://www.victorianweb.org/authors/doyle/southamerica2.html>> Acesso em 17 nov. 2016.

_____. *Victorian and Victorianism*. Disponível em: <<http://www.victorianweb.org/vn/victor4.html>> Acesso em 17 nov. 2016.

- LAVATER, Johann Caspar. *Essays on physiognomy*. London: William Tegg and Co, 1853. Disponível em: < <https://archive.org/details/04851455.5902.emory.edu>>. Acesso em 28 nov. 2016.
- LINS, Álvaro. *No mundo do romance policial*. São Paulo: Ministério da Educação e Saúde: Serviço de documentação, 1947. (Os Cadernos de Cultura)
- Livro: História & História Cultural (Resenha de livro). *História Mal-Dita - A história vista de diferentes formas!*. Disponível em: <<https://historiamaldita.wordpress.com/2009/07/04/historia-historia-cultural/>>. Acesso em 28 nov. 2016.
- LOMBROSO, Cesare. *O homem delinquente*. São Paulo: Ícone, 2007.
- LYCETT, Andrew. *The Man Who Created Sherlock Holmes: The Life and Times of Sir Arthur Conan Doyle*. New York: Free Press (Simon and Schuster), 2008.
- MANDEL, Ernest. *Delícias do crime: história social do romance policial*. São Paulo: Busca Vida, 1988.
- MARTINS, Giovana Maria Carvalho. *O uso de literatura como fonte histórica e a relação entre literatura e história*. VII Congresso Internacional de História – XXV Encuentro de Geohistoria Regional – XX Semana de História. 2015. Disponível em: <<http://www.cih.uem.br/anais/2015/trabalhos/1318.pdf>>. Acesso em 19 nov 2016.
- MARX, Roland. Sherlock Holmes of Baker Street. In: CHARLOT, Monica; MARX, Roland (orgs). *Londres 1851-1901: a era vitoriana ou o triunfo das desigualdades*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.
- MATOS, Deborah Dettmam. Racismo científico: O legado das teorias bioantropológicas na estigmatização do negro como delinqüente. In: *Âmbito Jurídico*, Rio Grande, XIII, n. 74, mar 2010. Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=7448>. Acesso em 28 nov 2016.
- MATOS, Maria Izilda Santos de. Espelhos da alma: fisiognomonia, emoções e sensibilidades. *Revista Brasileira de História das Religiões*. ANPUH, Ano V, n. 14, setembro 2012.
- MIRANDA, Carlos Eduardo Albuquerque. A Fisiognomonia de Charles Le Brun - a educação da face e a educação do olhar. *Revista Pro-Posições*, v. 16, n. 2 (47) - maio/ago. 2005.
- ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. *A teoria da degenerescência na fundação da psiquiatria brasileira: contraposição entre Raimundo Nina Rodrigues e Juliano Moreira*. Disponível em: < <http://www.polbr.med.br/ano01/wal1201.php>>. Acesso em 28 nov. 2016.

PAULA, Tania Braga de. *Criminologia: estudo das escolas sociológicas do crime e da prática de infrações penais*. 2013. Monografia (Trabalho de conclusão de curso em Direito) - Centro Universitário do Norte Paulista - UNORP, São José do Rio Preto, 2013. Disponível em: <<http://www.anadep.org.br/wtk/pagina/materia?id=19308>> Acesso em 28 nov. 2016.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PITTARD, Christopher. *Victorian Detective Fiction: An Introduction*. Disponível em: <<http://www.crimeculture.com/Contents/VictorianCrime.html>>. Acesso em 19 nov. 2016.

POE, Edgar Allan. *Assassinatos na rua Morgue e outras histórias*. Porto Alegre: L&PM, 2015.

RASHID, R. A.; YUSOF, F. Z.; ZULKIFLI, N. Anthropometric Comparison of Cross-Sectional External Ear between Monozygotic Twin. *Annals of Forensic Research and Analysis*, 2014. Disponível em: <<https://www.jscimedcentral.com/Forensic/forensic-1-1010.pdf>>. Acesso em 28 nov. 2016.

REIMÃO, Sandra Lúcia. *O que é romance policial*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SILVA, Dimas de Fonte. A Ciência em Sherlock Holmes. Revista *Tessituras*. Nº 1, maio 2010. Disponível em: <http://revistatessituras.com.br/arquivo/Dimas_%20de_Fonte_%20A_%20Ciencia_%20em_%20Sherlock_%20Holmes.pdf>. Acesso em 28 nov. 2016.

Sir Arthur Conan Doyle and Victorian Political History. Disponível em: <<http://www.victorianweb.org/authors/doyle/politics.html>>. Acesso em 17 nov. 2016.

SOUZA, V. M.. Resenha de "A história cultural - entre práticas e representações", de Roger Chartier. 2012 (Resenha de Livro). Disponível em: <<http://www.historiaemperspectiva.com.br/2012/09/resenha-do-livro-historia-cultural.html>> Acesso em 28 nov. 2016. Disponível em: <<http://www.historiaemperspectiva.com.br/2012/09/resenha-do-livro-historia-cultural.html>>. Acesso em 28 nov. 2016.